

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL**

***“FAZ A PESSOA ABRIR A CABEÇA PARA UM NOVO
MUNDO”*: LEITURAS SOBRE O CONSUMO DO
LIVRO POR ADOLESCENTES**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Marina Machiavelli

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

“FAZ A PESSOA ABRIR A CABEÇA PARA UM NOVO MUNDO”: LEITURAS SOBRE O CONSUMO DO LIVRO POR ADOLESCENTES

Marina Machiavelli

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial.**

Orientador: Prof. Ms. Filipe Bordinhão dos Santos

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro De Ciências Sociais E Humanas
Departamento De Ciências Da Comunicação
Curso De Comunicação Social Hab. Produção Editorial**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia

**“FAZ A PESSOA ABRIR A CABEÇA PARA UM NOVO MUNDO”:
LEITURAS SOBRE O CONSUMO DO LIVRO POR ADOLESCENTES**

elaborada por
Marina Machiavelli

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial

Comissão examinadora:

Prof. Ms. Filipe Bordinhão dos Santos
Orientador (UFSM)

Prof^a. Ms. Tauana M. Weinberg Jeffman (UFSM)

Mestranda Tissiana Nogueira Pereira Cechella (UFSM)

Santa Maria, 10 de Dezembro de 2014.

*Em memória de Paula e Amélio que
partiram antes desta etapa chegar ao fim.
Aos meus pais que, com muito carinho,
não mediram esforços para eu chegar até
aqui.*

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão por estarem sempre ao meu lado, incentivando minhas escolhas, acalmando-me em minhas inseguranças e medos. Agradeço por fazerem o possível e o impossível, primando sempre pelos estudos e o meu futuro.

Agradeço imensamente à família que me acolheu em Santa Maria, Zilah e Ligia, mãe e irmã que eu escolhi. Agradeço por todo apoio necessário para eu seguir em frente em minhas escolhas. Por estarem sempre presentes e disponíveis para conversas amigas, cheias de carinho e atenção.

Agradeço a todos os amigos e amigas por compreenderem minha ausência. Em especial à Ângela e à Amanda, por estarem ao meu lado, compartilhando angústias e responsabilidades, por toda paciência e conversas ao longo desses quatro anos. Agradeço ao Emilio, por compreender meu nervosismo e meu estresse nos últimos meses, estando sempre ao meu lado.

À professora Veneza Ronsini, por todo conhecimento compartilhado, motivando meus planos no caminho da pesquisa.

Agradeço à professora Tutora Ivete Trevisan Fossá, pela paciência e pessoa exemplar, por todos ensinamentos e conversas que colaboraram para minha formação.

Agradeço ao Filipe Bordinhão, por toda paciência e atenção. Por me mostrar o caminho a seguir, sempre disponível para dúvidas e inseguranças. Sem ele eu não seria capaz de realizar este trabalho.

Agradeço ao *Grupo Pet Ciências Sociais Aplicadas* e ao *Grupo de Pesquisa Usos Sociais das Mídias*, pelas discussões e experiências que proporcionaram meu crescimento profissional e pessoal.

Agradeço aos colegas, por compartilhar as alegrias e angústias dessa etapa, especialmente as que estiveram sempre ao meu lado: Luiza, Carol, Inari e Maiara. Agradeço à Escola por confiar na minha proposta de pesquisa. Aos professores por disponibilizarem suas aulas para a aplicação dos questionários. Agradeço a todos os entrevistados por confiarem em mim e por concederem as suas informações e experiências, sendo compreensíveis na disponibilidade para realização das entrevistas. Sem vocês, com certeza, esta pesquisa não seria concluída.

À Professora Tauana e à Tissiana por terem aceito, com entusiasmo, o convite para compor a banca avaliadora deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram na minha formação, o meu
Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho busca compreender de que forma as mediações escola e família contribuem na relação de adolescentes com o consumo do livro e a leitura. A pesquisa alinha-se aos Estudos Culturais sobretudo, nas perspectivas das mediações e sociocultural do consumo para entender o uso e a apropriação do livro enquanto um produto midiático. O estudo é feito com adolescentes de Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Santa Maria/RS. Metodologicamente, foram empregadas técnicas de caráter etnográfico, como observação participante, conversas informais, diário de campo, questionário e entrevistas semiestruturadas. Por fim, observamos que a mediação escola e família são importantes para a constituição dos adolescentes no que diz respeito ao estímulo à leitura e o gosto pelo livro para além do espaço escolar. Mesmo os adolescentes estando imersos em um mundo de inúmeras possibilidades, a relação com o livro é intensa, sendo importante produto pelo qual os jovens incorporam o conteúdo midiático, da mesma forma, que potencializa a socialização entre os sujeitos.

Palavras-chaves: Adolescente. Livro. Estudos de Recepção. Sociabilidade. Consumo.

ABSTRACT

The following work seeks to understand the ways in which mediations between school and family contribute in adolescents' relations with the consumption of books and reading. This study meets the Cultural Studies area, mainly in the mediation and the socio cultural perspectives, in order to comprehend the use and appropriation of books as media product. The research was conducted with High School students from a public school from Santa Maria, Rio Grande do Sul. Methodologically ethnographic techniques were employed such as participant observation, informal conversations, field journal, questionnaire and semi-structured interviews. It was concluded that both school and family mediations are crucial to adolescents' constitution concerning encouraging the act of reading and love for books beyond the school's environment. Nevertheless the fact that adolescents are immersed in a world full of numerous possibilities the relationship with books is intense, with books constituting an important product whereby the young absorb media content and promoting socialisation amongst the subjects.

Keywords: Adolescent. Book. Reception Studies. Sociability. Consumption.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Avanços das políticas públicas do livro.....	36
Tabela 2 – Perfil reduzido dos entrevistados.....	58

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Motivação familiar para leitura.....	66
Gráfico 2 – Meios pelos quais os adolescentes tem acesso ao livro.....	77

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Bíblia de 42 linhas.....	32
Figura 2 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura de Jesús Martín-Barbero (2003).....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DISCUSSÃO SOBRE ADOLESCÊNCIA	19
1.1 O reconhecimento do jovem como sujeito social e político	21
1.2 O jovem e a mídia	26
2 (BREVE) HISTÓRIA DO LIVRO	30
2.1 O desenvolvimento do livro no Brasil	34
2.2 Apontamentos sobre a situação de leitores no Brasil	38
2.3 O acesso: entre as livrarias, as bibliotecas e a internet	41
3 PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS PARA PENSAR A RECEPÇÃO E O CONSUMO	43
3.1 Os estudos de recepção a partir da teoria das mediações	45
3.2 Perspectiva sociocultural do consumo	47
4 PERCURSO METODOLÓGICO: DA APROXIMAÇÃO À OBSERVAÇÃO E ANÁLISE EMPÍRICA DO CAMPO	52
4.1 A sociabilidade a partir da família e da escola: categorias (teóricas e empíricas) de análise	53
4.1.1 Conhecendo a Escola: observações preliminares	54
4.2 Aproximação com o campo: o estudo exploratório	55
4.2.1 Observação participante, conversas informais e o diário de campo	56
4.2.2 O questionário e a definição da amostra	57
4.2.3 Imersão no campo: as entrevistas em profundidade	59
4.2.4 Articulando a teoria e o empírico: o processo de análise do consumo a partir de um estudo de recepção	61
5 RECONHECENDO O CAMPO: ANÁLISE DAS CATEGORIAS	63
5.1 Mediação família: o papel dos pais na formação de leitores	63
5.2 Mediação Escola: a relação do ambiente escolar com o livro e a leitura	66
5.3 Práticas de acesso ao livro e à leitura	72
5.4 Consumo: usos e apropriações do livro	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE	101

INTRODUÇÃO

O livro acompanha historicamente a humanidade em vários momentos, perpetuando ideias e registrando acontecimentos importantes da vida e do pensamento do homem. Nesse caminho, os suportes pelo qual o livro se materializa são diversos e foram se transformando durante os tempos conforme o desenvolvimento tecnológico e adequando-se às necessidades dos leitores. O homem foi desenvolvendo maneiras de facilitar a leitura e a distribuição dos conteúdos para que, assim, o livro se tornasse no que conhecemos hoje. Em sua pluralidade, o livro se mostrou um objeto fundamental na construção de significados e dos sujeitos, tendo papel significativo na adolescência (PETIT, 2008, p.20).

O livro é uma forma básica de expressão da identidade dos povos, sendo instrumento importante para a acumulação de conhecimentos e experiências (GONZALEZ, 2006, p.8). Portanto, para compreendermos de que maneira os adolescentes de escolas públicas se envolvem com o livro e a leitura, em meio a tantas possibilidades e novas ferramentas de leitura, identificamos o uso e a apropriação desse objeto através do cotidiano dos adolescentes balizado pela mediação da família e da escola.

Para isso, o presente estudo alinha-se aos Estudos Culturais, por reconhecer uma relação intrínseca e de mútua interferência entre a comunicação e a cultura. Nesse contexto, nos apropriamos da perspectiva dos Estudos de Recepção, sobretudo das mediações, e da perspectiva sociocultural do consumo para assim compreendermos a relação dos pesquisados com os produtos midiáticos.

Dessa forma, orientamos a pesquisa a partir da seguinte problemática: *“De que forma as mediações escola e família contribuem na relação de adolescentes com o consumo do livro e a leitura?”*. Deste modo, analisamos a recepção do livro, junto a adolescentes de Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Santa Maria para, por fim, entender os usos e apropriações desses receptores.

Como objetivo geral nosso estudo busca compreender a relação estabelecida por jovens de uma escola pública com o livro a partir do seu uso e apropriação. Para alcançar traçamos um caminho de estudo e observação a partir de objetivos específicos: 1) resgatar e identificar o papel do livro na sociedade; 2) estudar a relação dos jovens com o livro em um contexto de novas tecnologias; 3) entender a

relação do ambiente escolar e o livro na formação dos sujeitos; 4) analisar a relação de adolescentes com o consumo do livro balizado pelas mediações escola e família.

Em relação a trabalhos sobre a leitura no Brasil, especialmente, sobre os adolescentes, verificamos que esses estudos ainda são escassos (TRAVANCAS, 2013). Nesse sentido, nossa pesquisa busca colaborar com um estudo sobre o livro da mesma forma que tem o intuito de se aproximar da área da Produção Editorial. A escolha do tema apresenta-se pela curiosidade de analisar o consumo do livro em tempos em que a internet e as novas tecnologias (*smartphones*, *e-books*, *e-readers*, entre outros), permitem inúmeras possibilidades de usos e apropriações e parecem roubar, cada vez mais, a atenção dos jovens. Além disso, o trabalho busca compreender a relação de adolescentes com o livro e a leitura justamente em uma cidade que, embora esteja localizada no interior do Estado, é conhecida como “cidade cultura” e “cidade universitária”.

Para conhecer a situação atual do nosso País, utilizamos a terceira edição de “Retratos da Leitura no Brasil”, pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro¹, no ano de 2011, principalmente, quanto ao comportamento dos leitores jovens do Brasil inteiro, em suas determinadas regiões. O estudo foi feito para acompanhar a evolução do hábito de leitura dos brasileiros no que diz respeito às preferências e às motivações de leitura. Além disso, a pesquisa orientou a formulação e a avaliação de políticas públicas, planos e programas de governo, bem como ações desenvolvidas por organizações do terceiro setor voltadas à democratização do acesso ao livro e o fomento à leitura. Portanto, buscamos discutir o lugar do livro e de sua recepção no Brasil tendo esses dados como parâmetros.

O Governo trabalha para mudar estatísticas e formular novas políticas voltadas ao livro, para isso promove iniciativas para a difusão da leitura no País. No ano de 2004, foi anunciado a total desoneração fiscal do livro. Em 2005, foi criado um fundo pela leitura, fomentado pelo setor privado, com arrecadação baseada em 1% do faturamento da indústria editorial. E, no ano de 2006, foi instituído o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)², em uma iniciativa conjunta do Ministério da Cultura e Ministério da Educação. Por conta dessas ações, esse período é

¹ O Instituto Pró- Livro – IPL é uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

² Conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade.

considerado muito importante para o nosso País quanto aos incentivos à leitura, em decorrência do *Vivaleitura*³

Por mais que encontramos na pesquisa do Instituto Pró-Livro um apanhado geral do acompanhamento dos hábitos e motivações dos leitores brasileiros, no que tange à área acadêmica os estudos ainda são escassos. Em pesquisa realizada na Biblioteca de Teses e Dissertações⁴, os trabalhos encontrados relacionados à temática do livro são trabalhos que abordam o Livro Didático. No caso da Comunicação, o cenário não é diferente quando se realizado buscas nos principais sites e anais de eventos reconhecidos na nossa área.

Embora não encontradas teses e dissertações relacionadas ao livro e a leitura no campo da comunicação, destacamos o trabalho de Oliveira (2008), na área da Educação, que buscou aprofundar a discussão sobre as culturas juvenis e a escola, analisando a diversidade cultural acerca da juventude e suas construções refletidas na vida escolar.

Na biblioteca da *Compós*⁵, maior encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, na qual estão disponibilizados os textos apresentados nos Grupos de Trabalhos (GT's) dos seus encontros anuais, realizamos uma busca com a palavra-chave “livro” entre os anos de 1992 a 2014. Dentre todos os GT's, encontramos um único trabalho alocado no GT “Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiático”. De autoria de Travancas (2013), a autora relata as etapas da pesquisa que está realizando com adolescentes do Rio de Janeiro. Nesta primeira etapa de sua pesquisa, analisa a relação de adolescentes do Ensino Médio do Rio de Janeiro com a leitura e o livro. Na segunda etapa, investiga como esses adolescentes interagem com os produtos derivados (filmes, blogs) de alguns livros mais vendidos, como “*Harry Potter*” e “*Crepúsculo*”. Além disso, a autora trabalha com dois grupos distintos, um de escola pública e outro de escolas privadas para realizar uma pesquisa comparativa. O trabalho não apresenta resultados, pois se trata de uma pesquisa ainda em andamento.

Quanto aos anais do *Intercom*⁶ realizamos uma investigação com a palavra-chave “recepção” e, posteriormente, restringindo-os àqueles trabalhos relacionados com a temática “livro”, nos anos de 2009 a 2014.

³ Celebração do ano Ibero-Americano da Leitura no Brasil, que aconteceu no ano de 2005, e que foi batizado de *Vivaleitura*, o movimento reuniu Estado, setor privado e terceiro setor. Iniciando uma longa caminhada para mudar a realidade da leitura no país.

⁴ Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/> Acessado em: 18 de dez de 2014.

⁵ A COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

⁶ A Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

No DT “Interfaces Comunicacionais”, encontramos o texto de Pinheiro (2013) que realizou um estudo sobre o público da 21ª Bienal do Livro de São Paulo, relacionando o público da feira aos indicadores de leitura do Brasil. O autor apresenta um panorama de transformação do gosto do impresso a produtos ligados à imagem. Para compreender isso, utilizou dados de leitura e analfabetismo do País colocando a situação do grande público em feiras e dos baixos índices de leitura, entendendo que o livro impresso está perdendo espaço para as novas tecnologias digitais, como a versão e-book.

No Grupo de Pesquisa (GP) “Produção Editorial”, foi localizado o trabalho de Bragança (2010), que apresenta uma pesquisa preliminar quantitativa, um apanhado histórico que abrange desde os estudos sobre autor e autoria até às práticas sociais de leitura, passando pela história editorial e do livro. Como resultado, ele apresenta um panorama desses assuntos e cita o “Intercom” como importante fomentador de discussões. Também expõem os desafios que o GP de Produção Editorial enfrenta no que diz respeito à conquista de novos espaços de discussão nas regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste.

No DT “Comunicação, espaço e cidadania”, localizamos a publicação de Guaraldo (2013), que propõe uma discussão acerca da prática de leitura no Brasil do início do século XXI, apontando os princípios norteadores, as propostas e metas do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). A partir da análise, a autora acredita que o PNLL ainda necessita de muitos avanços para tornar o Brasil um País de leitores.

Ainda sobre o levantamento de pesquisas sobre o livro, foram encontrados trabalhos nos encontros de Núcleos de Pesquisa em Produção Editorial (NP).⁷ É exemplo o estudo de Oliveira (2004), que apresenta uma tentativa de conceituação de livro acessível, baseando-se na história do livro nos EUA e na Europa, trazendo essa tendência para o Brasil e comparando suas técnicas. Nesse sentido, o autor concluiu que, no Brasil, as tentativas de edições de livros acessíveis ainda são incipientes, dificultando a conceituação desse produto.

Ainda que poucos os trabalhos publicados, merece destaque a figura de alguns autores brasileiros que tratam da temática do livro. Sandra Reimão, professora da Universidade de São Paulo, realiza pesquisas relacionadas ao livro e a correlação com outras mídias, estudando o mercado editorial brasileiro, que

⁷ Núcleo Produção Editorial constitui-se num espaço de reunião, apresentação, reflexão e troca da produção acadêmica de pesquisadores das diferentes práticas de editoração e produção editorial Recentemente transformado em GP.

envolve desde a circulação e comércio de livros na ditadura militar, como também sobre adaptações da literatura para televisão. Aníbal Bragança desenvolve pesquisas relacionadas ao livro e sua história. As pesquisas do autor ocorrem de um núcleo temático de publicações e leituras que tem o objetivo de refletir e discutir as produções no âmbito das relações luso-brasileiras. Aníbal também realiza pesquisa sobre o livro no Brasil e todo o desenvolvimento do mundo editorial. Abordando a importância da imprensa escrita e os agentes envolvidos nesse processo. O eixo central da sua pesquisa é a história da editora Francisco Alves, fundada em 1854, que é a mais antiga editora privada.

Destacamos também Michele Petit que investiga o público jovem, especificamente jovens imigrantes, moradores da periferia de grandes cidades francesas. A autora discorre sobre a sua experiência apresentando a relação desses sujeitos com o livro, preocupando-se em apresentar o engajamento de instâncias governamentais. A autora proporciona uma reflexão sensível sobre os envolvidos no fomento à leitura e para a compreensão da importância da leitura desde cedo.

Com base nesse cenário, salientamos que nossa pesquisa está inserida em uma área de poucos estudos voltados ao consumo/uso do livro. Dessa forma, ao mesmo tempo em que é desafiador por outro lado é estimulante e justifica a pertinência de um trabalho que trate do livro como um produto midiático, sobretudo, pelo esforço de analisa-lo pela ótica do leitor-receptor, bem como para contribuir para a consolidação de um curso recente como o de Comunicação Social - Produção Editorial.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos, sendo três teóricos, um teórico-metodológico e outro analítico. No primeiro capítulo apresentamos e discutimos o termo adolescência, no sentido de apontar que é um termo amplo e estudado em diversas áreas do conhecimento. Através de um apanhado histórico, abarcamos as principais características desse “entre-lugar” social, recorrendo a autores como por Groppo (2000); Abramo (2005); Outeiral (2008); Levy (2013); Assim, entendendo a adolescência como um processo não somente biológico, mas também social, construído nos mais variados contextos de interações - amigos, família ou escola. No segundo capítulo, apresentamos um breve histórico do livro e as suas transformações ao longo dos tempos. Para isso, utilizamos autores como Chartier (1999); Febrve e Martin (2000); Martins (2002), Procópio (2010). O livro acompanhou o homem em vários momentos, carregando com ele fatos e ideias, sendo entendido nesse trabalho como um “suporte midiático” (TRAVANCAS, 2013,

p.2). Nesse sentido, reconhecemos o livro como um objeto que carrega significados e está inserido nas práticas de consumo dos adolescentes. Com base nisso, apresentamos a relação do Brasil com o livro, reunindo fatos marcantes desse assunto e contrapontos da pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil”, visto que é a “única pesquisa sobre comportamento leitor realizada em âmbito nacional” (FAILLA, 2012, p.23).

Os Estudos Culturais são abordados no terceiro capítulo a partir de duas perspectivas de sua vertente latino-americana com foco na recepção e no consumo: a primeira, dos Usos sociais dos meios, concebida pelo pesquisador Jesús Martín-Barbero, e, a segunda, do Consumo Cultural, desenvolvida pelo teórico Nestor García-Canclini. Aqui, discorremos sobre os conceitos de mediação e consumo.

O quarto capítulo apresentamos as questões metodológicas que orientaram e sustentam nosso estudo. Nele, apresentamos todos os passos metodológicos adotados, desde a pesquisa exploratória, que embasou a criação de categorias que possibilitaram o desenvolvimento das etapas subsequentes, passando pelos demais recursos metodológicos utilizados durante a imersão no campo até o processo de análise empírica.

Por fim, no último e quinto capítulo, realizamos a análise dos dados empíricos recolhidos através da realização de um estudo de recepção, a partir da mediação da família e escola, para, assim, entender o consumo do livro por adolescentes de uma escola pública de Santa Maria/RS.

1 DISCUSSÃO SOBRE ADOLESCÊNCIA

A palavra “adolescência” vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), portanto, entendida como a condição ou processo de crescimento. Tendo assim, uma “dupla origem etimológica que caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida” (OUTEIRAL, 2008, p.4).

O termo “adolescente” não assume uma compreensão rígida, tanto do ponto de vista teórico-conceitual quanto pela falta de unanimidade no uso dessa expressão entre os autores. Isso quer dizer que são vários os autores (ABRAMO, 2005); (LEVY, 2013); (OUTEIRAL, 2008); (SPÓSITO, 1997) que definem o termo a partir de múltiplas vertentes, as quais, durante muito tempo, foram tratadas como “puberdade”, “juventude” ou como adolescência, no entanto, todas se referiam a mesma experiência vivida por aqueles indivíduos que deixam de ser crianças.

Com o avanço dos estudos voltados a essa etapa da vida humana, houve melhor definição e os termos foram sendo esclarecidos nas várias áreas do conhecimento. Embora com pontos de vistas específicos, o consenso entre eles estaria no fato de que é a puberdade a responsável por desencadear tal processo e que se expande para além das questões biológicas.

Por exemplo, na área médica, Freitas e Hagel (2013, p.154), definem com o período que “representa uma fase do ciclo vital que abrange um conjunto de transformações biológicas marcantes”. Dessa forma, é nesta fase da vida humana que acontecem as modificações neurológicas, hormonais e físicas. Entretanto, o início dessa fase pode variar de acordo com o sujeito, de acordo com o contexto social, cultural e econômico em que estão inseridos.

Por conta disso, os psicólogos também começaram a estudar a adolescência, sendo Stanley Hall quem legitimou a adolescência como “uma etapa que requer estudo e atenção”, tendo em vista a complexidade e os diversos fatores que constituem esse sujeito, inaugurando, assim, o estudo científico da adolescência (FERREIRA; FARIAS 2010, p.230).

Nesse sentido, a adolescência, reconhecidamente influenciada pela puberdade, passa a ser entendida como um “fenômeno psicológico e social” (OUTEIRAL, 2008, p.4), possibilitando importantes elementos de reflexão, pois considerando-a na qualidade de fenômeno, a adolescência reproduz peculiaridades

do ambiente em que se desenvolve socialmente. Deste mesmo modo, por exemplo, a vertente psicanalítica, entende o adolescente como:

[...] um sujeito em vias de transformação, imerso em um processo profundo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando a adaptação ao novo corpo, às novas pulsões decorrentes da puberdade (LEVY, 2013, p.167).

Ainda dentro da perspectiva psicanalítica, Levy (2013, p.178) conclui que a adolescência é um processo que não só envolve uma definição de faixa etária ou biológica, como também algo complexo, que envolve pais, filhos, sociedade e cultura. Este processo é parte de um contexto específico para cada sujeito, portanto, a adolescência é vivenciada a partir dessas intervenções. Por conta disso, o autor ressalta a importância da passagem por essa etapa da vida humana, o que, inclusive, daria “garantia de uma sociedade de renovação constante de valores” (LEVY, 2013, p.178). Afinal, para o autor, é através dos questionamentos e da mobilização dos jovens que efetivamente acontecem mudanças nas suas realidades e da sociedade, muito em função das próprias transformações pessoais e subjetivas desses atores sociais.

Nós sabemos hoje que as idades de vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômenos puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo constitutivo da modernidade (PERALVA, 1997, p.15).

Por anteceder à vida adulta, a adolescência envolve a formação dos sujeitos e as suas identidades⁸. É a fase, muitas vezes, compreendida como a de maior instabilidade emocional e rebeldia, assumindo modos de ser e viver específicos, com gostos e desejos instáveis. É nesta fase, que os adolescentes têm um “grande desejo de serem ouvidos, reconhecidos; um grande desejo de troca e de encontros personalizados” (PETIT, 2008, p.58). Desse modo, são inúmeras as descobertas e os obstáculos daqueles que não são mais vistos como crianças tampouco como adultos. É nesse momento que o indivíduo tende a amadurecer e se preparar para a vida adulta, transformando a si mesmo, a partir de seu comportamento e convicções.

Em um misto de peculiaridades físicas, mentais e sociais é que se encontra a adolescência, fase da vida que antecede a idade adulta, caracterizada por diversas mudanças. Nessa etapa do ciclo vital, o sujeito abandona comportamentos e

⁸ Embora o trabalho não se proponha a discutir teoricamente identidade, reconhecemos o conceito a partir de Hall (2006) que compreende como algo que “é definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2006, p.13). Portanto, sendo uma concepção dinâmica, decorrente das relações com a sociedade e outros indivíduos.

privilégios infantis, assimilando competências que capacitam-no para a vida adulta. Por isso, a adolescência pode ser entendida e estudada não só na área da psicologia, mas também em áreas como a da biologia e das ciências sociais. No caso desta última, adotada no nosso estudo, a discussão é baseada em critérios que relacionam a adolescência a determinantes históricas, econômicas, culturais e institucionais.

1.1 O reconhecimento do jovem como sujeito social e político

Mesmo antes da definição do conceito feito por Stanley Hall, as características psicológicas e fisiológicas sempre existiram nas pessoas, independente do período histórico (SPRINTHALL; COLLINS apud FERREIRA; FARIAS, 2010).

Nos povos primitivos aconteciam os rituais e cerimônias de iniciação a vida adulta, já na Grécia Antiga, os jovens eram submetidos a um adestramento, pelo qual, seria imposto a eles as virtudes cívicas e militares. Assim, a fase da puberdade foi vista como o período de preparação para vida adulta, onde o sexo masculino seria preparado para a guerra ou a política e, no caso do sexo feminino, a preparação para maternidade e o casamento. No Império Romano, a educação dos mais jovens era responsabilidade dos pais, que procuravam formar o filho agricultor, cidadão ou guerreiro. Já na Idade Média, as populações passaram a viver em feudos e tudo era definido pela comunidade que considerava as crianças e adolescentes adultos em miniaturas. (FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 228-229).

Peralva (1997) aponta que no momento em que os Estados Modernos assumiram a responsabilidade de oferecer educação pública, gratuita e obrigatória às amplas camadas da população, foi que a adolescência surgiu. As crianças deixaram de participar ativamente do trabalho para se dedicar aos estudos. Foi então, no final do século XIX que as instituições educativas foram importantes para a consolidação de um novo “entre-lugar social” (OLIVEIRA, 2008, p.44), o que hoje conhecemos como a adolescência.

Ainda assim, é preciso considerar que isso não se deu de forma igualitária entre os gêneros. As mulheres desfrutaram dessa experiência depois dos homens,

devido a fatores históricos do patriarcalismo, isto é, por ir contra os ideais da época, quando as mulheres só deixariam de ser crianças depois do noivado.

Além disso, foi através da intervenção do Estado, estabelecendo uma educação pública universal, que as crianças passam a ter a oportunidade de ficarem distantes das responsabilidades da vida adulta, que, até então, eram assumidas por elas prematuramente. No entanto, num primeiro momento, tal medida governamental favoreceu a escolarização, principalmente, dos filhos da burguesia. Talvez isso tenha consequências ainda hoje, ao pensarmos que muitos adolescentes possuem uma vida precária “pelas condições de pobreza de suas famílias, fica impedido de viver esta etapa preparatória, sendo obrigado a uma inserção formal no mercado de trabalho, formal ou informalmente” (ABRAMO, 2005, p.4).

É no século XIX, que a adolescência também passa a ser reconhecida como um “momento crítico” da existência humana. Sendo temida como uma fase de riscos em potencial para o próprio indivíduo e para a sociedade como um todo (FERREIRA; FARIAS, 2010, p. 230). Essa concepção histórica do jovem refletiu na década de 1960 e parte da de 70, no Brasil, quando os jovens eram tratados como uma ameaça à ordem social. (ABRAMO, 1997, p.6), por exemplo, a partir da mobilização dos movimentos estudantis, pacifistas, entre outros.

Foi a partir dos anos de 1990 que os adolescentes adquiriram maior visibilidade na agenda política, incluindo novos temas e focos. Inicialmente, eram apenas algumas atividades que tinham o objetivo de tirar esses adolescentes da rua e, assim, enfrentar um problema social que assolava muitas cidades brasileiras. Contudo, os jovens eram tratados somente por desvios como os relacionados às drogas, à prostituição, à gravidez precoce e à violência, não sendo reconhecidos como também vítimas da própria sociedade.

Por conta disso, não é por acaso, que

[...] parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: *jovem* é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo (PERALVA, 1997, p. 18).

Nesse contexto, o Estado passa a ter interesse e dar atenção aos jovens através da elaboração de políticas públicas e de novas reflexões acerca desse “entre-lugar” social. Essa preocupação, por exemplo, resultou na elaboração da Constituinte, no Estatuto da Criança e do Adolescente, considerada uma das leis

mais avançadas do mundo, desse modo, “estabelecendo uma nova noção de cidadania para esses segmentos, mesmo que ainda se observe uma grande distância entre a lei e a realidade” (ABRAMO, 2005, p.24).

Desde então, o crescente avanço nas políticas públicas de atenção à criança e ao adolescente, fica evidente através dos inúmeros programas e projetos que visam à proteção, o desenvolvimento e o bem-estar voltados a esse público. Em um levantamento feito por Sposito e Carrano (2003), no qual buscaram identificar os projetos voltados aos jovens no País, durante o período de 1995 a 2002, foram encontrados trinta programas/projetos governamentais.

Projeto Escola Jovem, Financiamento Estudantil e Programa Recomeço (Ministério da Educação); Olimpíadas Colegiais, Projeto Navegar e Esporte na Escola (Ministério do Esporte e Turismo); Serviço Civil Voluntário, Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual, Programa de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e Programa Paz nas Escolas (Ministério da Justiça); Jovem Empreendedor (Ministério do Trabalho e Emprego); Centros da Juventude e Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano (Brasil Jovem – Ministério da Previdência e Assistência Social); Prêmio Jovem Cientista do Futuro (Ministério da Ciência e Tecnologia), PIAPS e CENAFOCO (Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República), Brasil em Ação (Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão), Projeto Alvorada (Presidência da República), Programa de Apoio ao Aluno Estrangeiro (Ministério da Educação), Reinserção Social do Adolescente em Conflito com a Lei (Ministério da Justiça), Combate ao Abuso e Exploração Sexual (Ministério do Esporte e Turismo), Projeto Sentinela (Ministério da Previdência e Assistência Social) e Projeto Rede Jovem (Comunidade Solidária).

Além disso, a pesquisa constatou que nesse período não houve o registro de maneira eficaz das ações realizadas, portanto, o processo de construção e desenvolvimento dessas políticas não pode ser acompanhado, sendo prejudicial aos aperfeiçoamentos que poderiam apontar novos resultados. Já no período de 2000 a 2003, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, demonstrou maior interesse em apurar dados e apresentar o desenvolvimento dos programas, sendo que mesmo assim, o que foi divulgado continuou sendo insuficiente para a percepção dos resultados de execução dos projetos (SPOSITO; CARRANO, 2003)

Como identificado na construção histórica das ações para a juventude, e reiterado por Abad (2002 apud SPOSITO; CARRANO, 2003) essas ações foram sendo determinadas pelos problemas de exclusão dos jovens na sociedade, tentando facilitar a integração desses sujeitos ao mundo adulto. Com isso, Abad (2002, p.18) estabeleceu uma periodização que contempla os anos entre 1950 e 2000, definindo quatro modelos de políticas:

- a) ampliação da educação e o uso do tempo livre (entre 1950 e 1980);

- b) controle social de setores juvenis mobilizados (entre 1970 e 1985);
- c) enfrentamento da pobreza e a prevenção do delito (entre 1985 e 2000);
- d) inserção laboral de jovens excluídos (entre 1990 e 2000).

No entanto, além de políticas voltadas aos problemas sociais, também merecem destaque aquelas relacionada à cultura e à educação, sobretudo, as que envolvem nosso objeto de pesquisa nesse trabalho, as leis/programas de fomento à leitura no País. É o caso, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 1929), responsável pela distribuição de livros didáticos aos estudantes da rede pública. (ROSING, 2011, p.101), um dos mais antigos de incentivo e acesso. Com as atualizações ao longo dos anos, em 2014 o PNLD está direcionado à aquisição e à distribuição integral de livros aos alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), complementação do PNLD 2013 para estudantes dos anos iniciais do fundamental (1º ao 5º ano) e para os alunos do ensino médio. Só em 2014 foram atendidos 7.649.794 alunos em 19.243 escolas⁹. Através dos dados, podemos ter uma ideia do quão importante são essas ações de incentivo para a valorização do livro e da leitura entre os jovens.

Dentre esses investimentos voltados à educação, atualmente, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é de suma importância, pois tem a finalidade de captar recursos e financiar projetos educacionais nas áreas de ensino, pesquisa, alimentação escolar, material escolar e bolsas de estudo. Isso garante o desenvolvimento da educação e garante um ensino de qualidade a todos os brasileiros.

Portanto, é só a partir dessas ações de preocupação e valorização da educação, do acesso ao livro e a manutenção da plena cidadania dos jovens, que esses serão não só valorizados, como também preparados para a vida adulta. Contudo, é preciso considerar que embora “as ações na defesa do acesso a uma cultura nacional não sejam tão novas assim, ainda não atingimos o necessário” (GOMES, 2011 p.129). Nesse sentido, o mais adequado seria a reflexão sobre erros, dificuldades e acertos para otimizar cada projeto e prepara-los melhor para efetivamente atender as demandas.

Mesmo com toda a atenção dada aos adolescentes, o Relatório da Situação da Adolescência Brasileira, elaborado e publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF em 2002, salienta que “a adolescência não pode ser compreendida como uma condição homogênea, uma vez que é atravessada por

⁹ Dados retirados do site do FNDE. Disponível em: < www.fnde.gov.br>. Acesso em: 25 de set 2014.

grandes diversidades e desigualdades, em seus aspectos naturais, culturais e sociais” (p. 29). Fato que vem ao encontro da própria definição teórica do termo, que aponta que as condições de cada jovem vão interferir no modo em que vivenciam essa etapa da vida, o que justifica a ideia de ser um processo que é construído que passa pelas questões biológicas e envolve todo o contexto sociocultural do sujeito.

Por essa constatação, a UNICEF sugere o uso do termo “adolescências” no plural, pois entende que estamos tratando de realidades, oportunidades e formas diversas de se vivenciar esse período da vida humana. Isso é indicado por vários fatores ligados ao lugar onde vivem e aos espaços disponíveis para a interação desses sujeitos com os outros. Afinal, há diferenças nas condições e no comportamento de adolescentes, por exemplo, que vivem no norte ou no sul, em uma aldeia indígena ou na periferia, ou ainda que possuem uma família ou estão em um abrigo, nas ruas, frequentando ou não a escola. É essa diferença étnica, cultural e socioeconômica do Brasil, que reúne grandes possibilidades e também desafios. Por isso, é somente através da igualdade nos direitos, independente das condições e especificidades desses adolescentes que será garantida a cidadania plena.

Para fins legais, segundo Abramo (2005, p.29), a noção de adolescência está mais “consolidada, clara e difundida na sociedade brasileira” através da Organização Mundial da Saúde (OMS), que define a adolescência no período compreendido entre 10 e 20 anos, bem como pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que a define como a faixa etária compreendida entre os 12 e 18 anos.

A juventude é considerada por Abramo (2005, p.22) uma etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, pois é nela que os jovens passam a ser considerados sujeitos de direito e deixam de ser definidos por seus desvios. Por conta disso, Groppo (2000) define a juventude como uma categoria social, entendendo-a em um sentido mais amplo do que aquela que se restringe a faixa etária,

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social (...). Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tido como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos (GROPPO, 2000, p.7-8).

Ainda assim, percebemos certa imprecisão na discussão sobre esse conceito, o que pode ser identificado na concepção de vários autores ao utilizarem os termos

“adolescência” e “juventude” como sinônimos para “designarem uma etapa da vida a qual se instituíam socialmente entre a infância e a adultez” (OLIVEIRA, 2008, p.46).

1.2 O jovem e a mídia

Foi especialmente nas décadas de 1950 e 1960 que os jovens ganharam espaço e se tornaram mais presentes em produtos midiáticos. No cinema e na literatura, eram representados, principalmente, como rebeldes e retratando o retardamento à vida adulta. Como exemplos literários, temos clássicos como “O apanhador no Campo de Centeio”, de autoria de Jerome David Salinger, e “On the Road”, de Jack Kerouac. Já no cinema podemos exemplificar através do filme “Rebel without a Cause” (Juventude Transviada), filmado em 1955, do diretor Nicholas Ray.

A mídia tem tido um papel importante na reprodução de um perfil ideal. De fato, ela apresenta aos adolescentes, desde os programas televisivos até os anúncios publicitários, como eles devem se comportar, o que devem comer, quais as roupas devem vestir e quais os lugares que devem frequentar. Para isso, sugere modelos de sucesso a serem seguidos. Sendo que,

na articulação entre o universo do consumo e o campo midiático se apresentam e circulam conteúdos e formas culturais que efetivamente compõem a vida cotidiana de diferentes juventudes, interferindo diretamente na produção de narrativas de si e na percepção das alteridades (ROCHA; TANGERINO 2010, p.3).

Portanto, as relações entre os adolescentes e as indústrias culturais tornam-se “sintomáticas de mudanças profundas nos modos de ser, perceber e relacionar-se no mundo contemporâneo” (HERSCHMANN, 1997, p. 55-56). Desse modo, os meios de comunicação definem um modelo de representações explicitando o que é ser jovem, “seja pela incorporação desses aparatos técnicos ao cotidiano dos jovens, seja pela afinidade com sua linguagem ágil e veloz” (RONSINI, 2007, p.155), acabando por interferir na caracterização dessas fases por ser uma grande referência para a formação identitária desses sujeitos, tanto em suas vestimentas, linguagens e músicas, quanto em livros. Sendo a representação concebida como um sistema de significação, no qual existe um sistema de signos visível (PREDIGER,

2011), é através dele que os jovens darão sentido tanto ao que consomem quanto ao que são ou desejam ser.

Para compreender a relação dos jovens com os meios de comunicação, precisamos entender o que é o consumo midiático, e o que a mídia oferece para que isso aconteça. Seguindo Jacks et al. (2014), o consumo da mídia diz respeito aos:

[...] grandes meios – televisão, rádio, jornal, revista, internet, sites, *blogs*, celulares, *tablets*, *outdoors*, painéis, etc. – e nos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios – novelas, filmes, notícias, informações, entretenimentos, relacionamentos, moda, *shows*, espetáculos, publicidade, entre outros (JACKS et al., 2014, p.4).

A partir disso, no presente trabalho, entenderemos o livro como “suporte midiático” (TRAVANCAS, 2013, p.2), como um objeto que carrega significados e está inserido nas práticas de consumo dos adolescentes. Pois, o contato com o livro e a leitura, desde a infância, pode “representar para estes jovens o espaço da abertura para o campo do imaginário, o lugar de expansão do repertório das identificações possíveis” (PETIT, 2008, p.74), assim, construindo sentidos e compartilhando experiências a partir do livro e da leitura, sendo importante identificarmos essas relações.

É a familiaridade que os jovens têm ou não com tais aparatos que auxiliará na percepção dos usos e apropriações expressados por eles no seu dia-a-dia. O que é proporcionado pelas características que definem o jovem como inseguro, rebelde, cheio de esperanças e ao mesmo tempo medos. Toda essa inconstância de sentimentos reflete em suas escolhas, seja de roupas, gêneros musicais, livros, grupos à serem frequentados, como em inúmeras outras a serem feitas nesse universo de novas possibilidades, que hoje em dia são oferecidas aos jovens. Isso tudo, como afirma Melucci (1997, p.9) configura-se como “linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros.” Ou seja, essas características são decisivas na relação que o jovem tem com a mídia e conseqüentemente na formação de suas identidades.

Nos meios de comunicação massa, a temática da adolescência já vem sendo explorada há um bom tempo. São vários os programas voltados a esse público. Na televisão, assinalamos a novela “*Malhação*”, consagrada junto ao público jovem com mais de vinte temporadas, e programas de auditório como “*O caldeirão*”, que são os que mais chamam a atenção dos jovens. No meio impresso, temos os cadernos *teen*

como o “*Kazuca*”¹⁰ e revistas de comportamento como a “*Capricho*”. Já nas rádios podemos identificar inúmeros programas de gostos musicais específicos (*rock, rap, sertanejo*).

No Brasil, escritores como Pedro Bandeira, Moacyr Scliar, Ana Maria Machado e Thalita Rebouças são conhecidos por desenvolverem literatura para o público juvenil. Além desses, autores estrangeiros competem na cena brasileira de literatura, trazendo coleções e livros que são procurados por muitos jovens, desde as bibliotecas da escola até através de download na internet. Os mais procurados são: J. K. Rowling¹¹, Stephenie Meyer¹², Nicholas Sparks¹³ e John Green¹⁴.

Portanto, para compreendermos a relação dos jovens com os grandes meios e o que eles oferecem, precisamos identificá-los em seus cotidianos, no qual, estarão “pautando tempos, espaços, relações e percepções” (JACKS et. al., 2014, p.5). Com a aproximação, a esses sujeitos, identificaremos esses processos nos espaços ocupados por esses jovens, seja na própria escola, como em ambientes externos. Pois conforme Rocha e Tangerino (2010, p.47), tais processos constroem significados e sentidos, da mesma forma que, eclodem e se agenciam conflitos, produzem-se enfrentamentos, rupturas, se estabelecem parcerias e se formulam proposições

Acerca do termo “adolescência”, reconhecemos que a discussão é ampla e pode ser estudada em diversas áreas do conhecimento. Sabendo disso, trabalharemos com as perspectivas apontadas e construídas por Levy (2013); Abramo (2005); Outeiral (2008); Groppo (2000). Entendendo a adolescência como um processo não somente biológico, mas também social, construído nos mais variados contextos de interações – amigos, família ou escola. Assimilando esses pressupostos aos da juventude, por ambos tratarem de um lugar ocupado socialmente pois

Na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida. (MITTERAUER; ZIEHE; apud MELUCCI, 1997).

¹⁰ Empresa de Segmento Jovem do Grupo RBS – afiliada da Rede Globo no Sul do Brasil (RS, SC e SP). Disponível em: <http://kzuka.clicrbs.com.br/>. Acesso em: 10 de nov de 2014.

¹¹ Autora dos sete livros da famosa e premiada série “Harry Potter”.

¹² Conhecida pelos Best-Sellers da série *Twilight* (Crepúsculo).

¹³ Autor de livros como “Diário de uma Paixão”; “Um Amor para Recordar” e “Querido John”.

¹⁴ Autor conhecido pelos livros “Quem É Você, Alasca?” e “A culpa é das estrelas”.

Portanto trataremos desses dois conceitos como complementares, pois, como afirma Peralva (1997, p.18), “uma vez dotadas de especificidade própria, as fases da vida não se tornam apenas autônomas, umas em relação as outras. Permanecem interdependentes e mesmo hierarquizadas”.

Dessa maneira, a adolescência e a juventude, ao mesmo tempo com referências singulares e gerais, dialogam entre si. A adolescência sendo um “fenômeno social” (OUTEIRAL, 2008, p.4), constituindo a puberdade, fase na qual acontecem as transformações físicas e biológicas. E a juventude como um período que não está estagnado em faixa etária, mas que está atrelado ao modo de vida de cada sujeito, aos gostos, aos costumes e à forma como cada indivíduo se representa e é representado na sociedade. (PREDIGER, 2011 p.43)

Entretanto, faremos a delimitação do nosso campo, fixando alguns critérios relacionados à faixa etária seguindo orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), que define a adolescência no período compreendido entre 10 e 20 anos.

2 (BREVE) HISTÓRIA DO LIVRO

Para o livro chegar ao que conhecemos hoje, em termos de estética e distribuição, ele atravessou inúmeros povos que, aos poucos, foram transformando-o no que encontramos nas bibliotecas, livrarias, na internet, em feiras e inúmeros outros pontos de acesso. Essa transformação acompanhou o homem desde a pré-história, pois, desde lá, ele precisava se comunicar e, entre outras formas, desenvolveu maneiras adequadas como o livro.

No decorrer do tempo, com as necessidades, cada povo foi encontrando condições de produção e adotando sistemas de impressão como: - os escritos gravados em pedra e em argila; - a técnica da xilografia, pela qual os escritos eram feitos em madeiras, para depois passarem para o papel; - os pergaminhos, que se constituíam em grandes rolos; - a escrita hieroglífica, considerada sagrada e feita com ideogramas representando os objetos através de desenhos. E, dessa maneira, as técnicas foram evoluindo de acordo com o avanço tecnológico e a necessidade de cada época e população.

Martins (2002, p.19) indica que “a linguagem representava o princípio da grande dominação do homem sobre as coisas”. Foi, então, que a partir disso passou a superar as suas limitações e encontrar novas formas de representação. Como o homem dispõem de grande expressividade, que vai do oral ao desenho, do gesto ao esculpir, isso foi sendo aperfeiçoado e, com o passar do tempo, substituído pela linguagem e pela escrita propriamente dita e, assim, nascendo deste furor, a civilização. No entanto, foram longas as etapas da escrita, desde a linguagem oral passando pelos sinais escritos ou grupos de sinais, progredindo a frases e, enfim, chegando à escrita fonética, que registra o som (MARTINS, 2002, p.34).

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, foram encontradas cinco grandes sistemas de escrita: o egípcio, o cuneiforme, o chinês, o mexicano e o hitita. Para materializar essas expressões, os povos precisavam de uma matéria física, para que isso perpetuasse as suas ideias. Para isso, o homem empregou, e continua empregando, diversos materiais provenientes de três reinos da natureza: o reino mineral, que forneceu a pedra na qual foi gravada a primeira lei dos Hebreus; o mármore, utilizado nas inscrições tumulares e cívicas; a argila, que depois de esculpida era cozida e transformada em bloco de escrita, o que, inclusive, constituiu uma das maiores bibliotecas da Mesopotâmia. Ainda do reino mineral, usavam

metais como o bronze, usado pelos romanos para escreverem seus tratados de paz. Do reino Vegetal, a madeira foi a primeira matéria em que a escrita foi empregada (MARTINS, 2002 p.59-60).

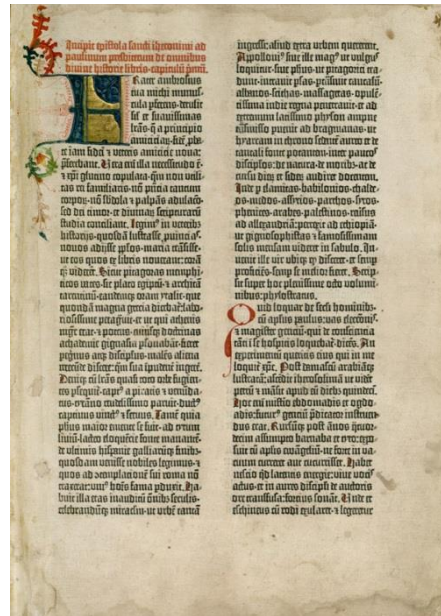
Do animal, o grande material empregado foi o pergaminho, extraído, na maioria das vezes, de peles de cordeiro. No que diz respeito aos livros, os chineses os fabricavam desde cerca de dois séculos antes de Cristo. Esses livros não eram feitos nem de papel nem de papiro, nem de pergaminho, mas de seda (MARTINS, 2002 p.111). Devido à criatividade e a necessidade de tornarem a seda mais barata, os chineses tentaram substituí-la por outro material: o papel de seda, que surgia do aproveitamento de trapos e tecidos usados. O que levou mais de mil anos para que a invenção chinesa chegasse ao Ocidente. É na Idade Média que ele aparece na Europa com a instalação de uma fábrica na Espanha, em 1144, chamada de “Moinho de papel”.

Historicamente, o homem se comunica por diversos suportes, o livro começou a tomar a forma atual quando foram reunidas as impressões tabulares, feitas de madeiras, assim formando os primeiros livros, que eram destinados ao baixo clero, servindo como manuais. Portanto, o livro nada mais é do que um objeto privilegiado pelo qual a ideia é materializada e transmitida (MARTINS, 2002, p.242). Não por acaso, que na Idade Média o analfabetismo da classe popular era grande, visto que apenas uma pequena parcela de pessoas tinha acesso aos livros.

Nos primórdios de sua invenção, o livro era fabricado manualmente, sendo escrito à mão por um escriba, profissional especializado em caligrafia. O esforço para a realização de um exemplar era imenso, pois as etapas eram cheias de detalhes, em consequência disso, o livro tinha um alto custo e eram raros nessa época.

As dificuldades da produção inquietavam e estimulavam muitos profissionais do livro, a pesquisarem novas técnicas de impressão que facilitassem o processo. E 1455, Gutenberg criou a prensa com tipos móveis, abrindo caminho para a grande imprensa, desse modo, “aperfeiçoando definitivamente processos rudimentares de tipografia” (MARTINS, 2002 p. 144). Nesse contexto, surge o primeiro livro datado desse invento: a Bíblia de 42 linhas.

Figura 1: Bíblia de 42 linhas.



Fonte:

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gutenberg_cover.jpg#mediaviewer/File:Gutenberg_cover.jpg

No final do século XV, cerca de cinquenta anos após o aparecimento do primeiro livro impresso, a imprensa se espalhou pelos países da Europa, tornando-os grandes centros da indústria impressa, produzindo entre 15 e 20 milhões de exemplares. Como consequência, houve o crescimento expressivo da produção e da distribuição de livros a partir desse período.

Inicialmente, a distribuição do livro era feita através de estratégias de venda, pelos agentes contratados, que iam até as cidades divulgando e localizando possíveis compradores. Com o aprimoramento do processo, surge necessidade de se criar espaços físicos para a venda dos livros, uma vez que começa haver grande procura. Dessa forma, criaram-se pequenas lojas que, mais tarde, proporcionaram a criação de feiras. Essas foram organizadas por volta de 1490 e se configuravam como uma rede comercial do livro na Europa. As grandes feiras proporcionavam o encontro de livreiros e impressores, sendo que as mais importantes da época aconteceram nas cidades de Lyon, Medina del Campo, Francfort e Leipzig (FEBRVE; MARTIN, 2000, p, 298).

Salientamos que os primeiros efeitos da tipografia envolveram as obras de piedade popular (obras religiosas da época), dos tratados religiosos e inúmeras

obras deste gênero, pois formavam as demandas na época. A lógica de comercialização da imprensa desse período não se difere das conhecidas atualmente, em que só se é feito aquilo que há certeza que será vendido.

Já nesse momento da história também existia a censura, portanto, nem tudo que os autores e os livreiros produziam era autorizado para ser divulgado e comercializado. A igreja, por exemplo, foi uma instituição que tinha apelo decisivo nessas questões, visto que proibia a distribuição de obras heréticas, na tentativa de impedir a difusão dos “maus livros” (FEBVRE; MARTIN, 2000, p.318). Não só no princípio da distribuição de livros, mas em toda sua história, ele também foi objeto de perseguição e proibições. Escritores perseguidos, livros queimados, bibliotecas destruídas, mesmo assim eles nunca deixaram de circular e despertar a atenção e o interesse de leitores no mundo inteiro.

Com a Revolução Industrial, houve o aumento no volume de produção dos livros, transformando a tipografia de artesanato em indústria, bem como contribuindo para a democratização da cultura. Além disso, com o avanço tecnológico e o aperfeiçoamento técnico dos processos produtivos de impressão, surgem os seguintes avanços na área: a máquina de papel¹⁵, em 1798; a prensa mecânica¹⁶, em 1812; a prensa rotativa¹⁷, por volta de 1850; e, também, o linotipo¹⁸, em 1885 (MARTINS, 2002, p.236).

Na América Latina, a imprensa chega aproximadamente no mesmo período em que ela se espalha pela Europa. Entretanto, segundo Martins (2002, p.289), devido ao ritmo de vida diferente e as condições econômicas, ela foi se configurando lentamente no cenário latino americano.

Dando um salto no tempo, chegamos a era digital, onde todas as áreas são afetadas pelos avanços tecnológicos trazidos pela ambiência da internet. Dentre tantas transformações do livro, tanto de suporte como de técnicas para a sua realização, o homem foi desenvolvendo maneiras de facilitar a leitura e a distribuição dos conteúdos. Com isso, cabe ressaltarmos a “revolução do livro eletrônico”. Passando a era de Gutenberg e o desenvolvimento da imprensa, Procópio (2010)

¹⁵ Substituiu a fabricação artesanal do papel, dando o impulso moderno na história da indústria tipográfica (MARTINS, 2002, p.237).

¹⁶ Primeiramente feita com a força muscular e a partir de 1814 pela força motriz, a vapor (MARTINS, 2002, p.237).

¹⁷ Máquina de impressão, na qual as matrizes são adaptadas a cilindros, permitindo uma impressão extraordinariamente rápida (MARTINS, 2002, p.265).

¹⁸ Máquina de compor que opera na composição, justificação, fundição e distribuição. Leva esse nome por fundir linhas inteiras.

destaca a chegada dos eBooks¹⁹. O autor discorre sobre os novos modos de ler o livro e dos próprios textos, sendo que o livro eletrônico possibilita novas histórias através de imagens, sons e links. (PROCÓPIO, 2010, p.21).

O livro eletrônico estabelece uma nova relação entre o texto e o seu suporte, como também nas maneiras de difusão dos conteúdos, expandido cada vez mais as possibilidades de democratização do conhecimento. Com isso, segundo Procópio (2010), surge “uma nova realidade que se abre para o mercado editorial através das mídias digitais”.

Todo esse processo não envolveu somente novos suportes, mas toda a construção do livro, sendo que as operações feitas por autores, editores, distribuidores, que antes estavam separados, agora, aproximam-se (CHARTIER, 1999, p. 17). Dessa maneira, otimiza-se a produção e possibilita o desenvolvimento de modelos de negócio através de softwares de leitura e hardware, o que possibilitou “democratizar o acesso à leitura a um nível ainda mais abrangente e de uma maneira extraordinária” (PROCÓPIO, 2010, p.25). É o caso, mais recentemente, da possibilidade de ler os livros por meio de *e-readers*, “dispositivos dedicados à leitura, com tela plana de cristal líquido colorida ou não” (PROCÓPIO, 2010, p. 81.). Entre as características mais marcantes desse aparato, e de toda essa evolução no livro, estão: marcadores de páginas, bloco de anotações, controle de luminosidade e brilho, dicionário, sistema de busca, ajustes de tamanho de fonte, base giratória de leitura (retrato e paisagem), capacidade de armazenamento, entre outras. Recursos que indicam, assim, novos modos de leitura e novas experiências de uso e apropriação do livro.

2.1 O desenvolvimento do livro no Brasil

Com a chegada da família real no Brasil, em 1808, no Rio de Janeiro, é criada a Imprensa Régia, responsável por publicar documentos, papéis e livros, que lhe garantia o monopólio da impressão no Brasil. Foram impressas diversas obras de Belas-letas, Medicina, Economia, História, Teologia, além de periódicos e livros

¹⁹ Contração de *electronic Book* ou livro eletrônico. Literatura trabalhada no formato digital, cujo conteúdo é publicado e acessado eletronicamente. Representa a versão digital de um livro em papel. Inclui hiperlinks e multimídia. É também sinônimo de dispositivos eletrônicos dedicados à leitura, os *eBooks Devices* [atualmente chamados de *e-readers*] (PROCÓPIO, 2010, p.219).

didáticos (ABREU, 2010, p. 42- 43). Com a independência do Brasil, recebe o nome de Imprensa Oficial, a qual se mantém até hoje.

Para que as obras fossem impressas pela Imprensa Oficial, o manuscrito deveria obter uma licença, feita pelo Ordinário e pelo Desembargo do Paço²⁰, que depois de examinar cada texto, duas vezes no manuscrito e uma vez depois de impresso, somente assim é que o livro poderia ser anunciado e vendido.

Segundo Abreu (2010, p.65), foi em 1821 que se encerrou o monopólio da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, permitindo uma diversificação maior do conjunto de editores e as possibilidades de impressão. Nesse momento, surgiram diversas oficinas tipográficas que se espalharam por outros estados brasileiros nas primeiras décadas do século XIX, inclusive no Rio Grande do Sul, instalando-se em 1827.

Desde meados de 1880, os editores se preocupam em atingir um público heterogêneo, trabalhando tanto para a venda de livros de luxo como para aqueles mais acessíveis a outros segmentos sociais. Nessa época, já tinham o intuito de atrair a atenção dos consumidores, tratando de assuntos que fossem do interesse dos seus leitores a partir de temáticas cotidianas como intrigas, sequestros, envenenamentos, entre outros, justamente “quebrando o ritmo previsto de todos os dias” (FAR, 2010, p.96).

Com a preocupação de alcance dos diferentes públicos, o livro “deixava de ser algo atrelado ao saber erudito ou ao aprendizado escolar, passando a ser visto também como entretenimento, diversão e passa tempo” (FAR, 2010, p.99). Dessa forma, as pessoas passam a encontrar livros com um preço acessível e histórias de fácil entendimento. Para isso, os autores criavam enredos envolventes, com assuntos do cotidiano, que prendiam o leitor ao texto através de “sensações” despertadas pela leitura.

Ainda sobre o mercado do livro, Martins afirma que o livro é “aos olhos do editor, uma mercadoria como outra qualquer e sofre, por consequência, a influencia dos mercados, isto é, do público comprador” (2002, p.236). Então, esse sistema não envolveu só uma grande difusão de livros por toda parte, mas contribui para que novos mercados fossem criados, para isso foram baseados nos interesses e gostos do público leitor.

Aliado aos interesses econômicos do mercado editorial, o livro também foi alvo de ações públicas, tendo em vista que é uma importante ferramenta para o

²⁰ Órgão superior da administração judiciária que se instalou no Brasil com a vinda da corte portuguesa. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2773>>. Acessado em: 6 de out 2014.

desenvolvimento educacional e cultural das pessoas. No Brasil, por exemplo, tiveram inúmeros esforços para o fomento da leitura ao longo dos séculos, podendo destacar o ano de 1968 como o pontapé inicial para a democratização do acesso. Com isso, a preocupação deixou de estar centrada apenas na elite, passando a atender grande parcela dos brasileiros.

Tabela 1 – Avanços das políticas públicas do livro (adaptado de LAJOLO, 2012. p.165).

1968	Criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Criação do setor Brasileiro da <i>international board on books for young people</i> (IBBY) - Órgão Consultivo da Unesco.
1981	Fundação da Associação de Leitura do Brasil
1982	Inauguração do Projeto Ciranda de Livros (Vigente até 1985)
1983	As Jornadas Literárias de Literatura de Passo Fundo tornam-se nacionais (e não mais regionais).
1984	Inauguração do Programa Nacional de Salas de Leitura (vigente até 1996)
1997	Inauguração do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE)
2001	Divulgação dos resultados da primeira pesquisa Retratos da Leitura no Brasil
2003	Promulgação da LEI N.º 10.753 - Lei do Livro

2004	Programa Fome de Livro: implementação de bibliotecas públicas em todas as cidades de brasileiras.
2004	Criação da Câmara Setorial do Livro, Literatura e Leitura – CSLLL
2004	Desoneração do PIS/COFINS.
2005	Existência de bibliotecas em 90% dos municípios brasileiros – MINC; Ano Ibero-Americano da Leitura
2006	Lançamento do Plano Nacional do Livro e da Leitura
2006	Criação do Instituto Pró-Livro
2008	Divulgação dos resultados da segunda pesquisa Retratos da Leitura no Brasil
2011	Lançamento do livro PNLL: Plano Nacional do Livro e da Leitura

Outro fator importante foi a iniciativa do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe – Cerlalc²¹, que desde 2005 trabalha na estruturação de um método comum para pesquisar o comportamento do leitor, permitindo uma comparação entre os países latinos. O objetivo é traçar um perfil do leitor e propor avanços no cenário da leitura. O Brasil foi o primeiro país que utilizou a metodologia, proposta feita pelo Cerlalc, durante o estudo realizado em 2007 e publicado em 2008 (HOYOS; SALINAS, 2012, p.193). A proposta metodológica é

²¹Disponível em: <<http://cerlalc.org/>> Acessado em: 6 de out 2014

baseada em perguntas e categorias similares para uma aproximação comparativa entre os países da América Latina.

A partir da aplicação dessa metodologia, constatou-se que na América Latina o menor percentual de “não-leitores” registrado pelas pesquisas foi no Chile, que em 2011 apresentava apenas 20%. Já no Brasil e na Venezuela esse percentual é de 50%, enquanto na Argentina 45% e na Colômbia 44% (HOYOS; SALINAS, 2012, p.193). Com esse diagnóstico, e tratando-se especificamente do Brasil, percebemos que temos uma realidade ainda precária e com a necessidade urgente de avanços na área e formação de leitores.

2.2 Apontamentos sobre a situação de leitores no Brasil

A partir daqui vamos nos deter a terceira edição da publicação “Retratos da leitura do Brasil”²², que utilizou os métodos de Cerlac, promovida pelo Instituto Pró-Livro e aplicado pelo Ibope Inteligência, para compreendermos o panorama sobre a leitura e o livro no País. As três publicações realizadas nos anos de 2001, 2007 e 2011 concluíram que “a penetração e a intensidade da leitura dependem de escolaridade, classe social e ambientes estimulantes: na família, na escola, etc.” (SILVA, 2012, p.115), sendo esses fatores importantes para serem trabalhados na presente pesquisa.

O ambiente escolar, às vezes, é o único meio pelo qual as crianças e adolescentes tem contato e acesso ao livro, afinal, é o responsável pela alfabetização e, sem dúvida, esse momento pode ser decisivo para o desenvolvimento ou não de um comportamento leitor. Contudo, a escola não está sozinha nesse esforço, que deve ser conjunto, entre sociedade e governo. Além disso, ressaltamos o envolvimento da família e o seu compromisso em potencializar e sustentar o interesse dos filhos pelo livro e pela leitura. Afinal, é preciso reconhecer que “é a literatura que permite que o leitor ultrapasse todos os seus limites e viva uma experiência indescritível de liberdade, podendo ser contemporâneo de todos, conterrâneo de uma infinidade”. (MACHADO, 2012 p.61).

²² Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em: 2 de out 2014.

No sentido de reconhecer tal importância, os Retratos da Leitura no Brasil é um marco, pois tem o objetivo de acompanhar a evolução dos hábitos de leitura da população, sendo essencial para formulação de novas políticas públicas voltadas ao livro e, conseqüentemente, melhorar os índices e promover o hábito de leitura no cotidiano dos brasileiros. Além disso, a sua importância se justifica pelo fato de ser a “única pesquisa sobre comportamento leitor realizada em âmbito nacional” (FAILLA, 2012, p.23).

O resultado da pesquisa confirma que o livro e a leitura continuam ocupando um lugar importante no imaginário nacional, mas, ao mesmo tempo, alguns índices indicam que há muito ainda o que precisa ser feito para melhorar essa situação. (MACHADO, 2012, p.57). A pesquisa tem apoio da Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares, da Câmara Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, o que demonstra que há uma preocupação por parte de várias instâncias institucionais da área relacionada ao livro.

Por tantas mudanças tecnológicas, precisamos entender as novas relações entre autor, produtor e usuários. A pesquisa proporciona diversas observações, apontando pontos positivos e negativos, identificando, inclusive, novas tendências e desafios, inclusive no âmbito escolar e familiar.

Segundo dados da pesquisa, temos no Brasil 88,2 milhões de leitores, o que equivalente a apenas 50% da população e, para piorar, esse número total corresponde a 7,4 milhões a menos de leitores do que foi detectado em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores. A diminuição de leitores é, sem dúvida, um retrocesso para o País. No entanto, é preciso considerar algumas mudanças na metodologia da pesquisa, tanto na ordem das perguntas, que foi alterada entre 2001 e 2007, bem como por ter ampliado o público de pesquisados, que eram somente aqueles com pelo menos três anos de escolaridade e idade acima de 15 anos, passando para todos com mais de cinco anos de idade, inclusive, os analfabetos. Ainda assim, reiteramos que os índices no Brasil são pouco animadores em relação a outros Países do mundo.

“A leitura é parte fundamental na constituição de uma cidadania” (NETO, 2012, p.184) e, por isso, o Estado precisa estar atento aos novos rumos da leitura no país, observando e criando estratégias para avanços significativos na área. Entretanto, não dependemos apenas do Estado, mas também de conjunto de ações que parta de pesquisadores, entidades, cadeia produtiva e mediadora do livro com o

objetivo de reiterar a importância da leitura para a educação e que apresentem dados sobre a real situação no País.

Mesmo com todo o trabalho feito pelo Governo Federal, através da distribuição de livros nas escolas e com o aumento considerável de bibliotecas no País, a escola, enquanto mediadora desse processo, ainda não consegue dar conta de cumprir a plenitude do seu papel. Queremos dizer que não basta a distribuição e o acesso aos livros, “a escola precisa ensinar que a leitura não se interrompe com a saída da escola” (MACHADO, 2012, p. 58- 59). Para isso, deve instigar os alunos a terem o prazer em ler, com o objetivo que isso se torne um hábito cada vez mais natural e necessário para o desenvolvimento da educação. Isto é, que as pessoas sejam instigadas pela escola para que isso ultrapasse os seus muros e o tempo escolar, permanecendo de maneira relevante na vida de cada um.

Nesse sentido, os alunos devem ser estimulados a entender que é a literatura que permite que o leitor ultrapasse todos os seus limites e viva uma experiência de liberdade (MACHADO, 2012, p.6). Do mesmo modo, Petit afirma que a leitura “ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar.” (2008, p.19). Entretanto, para que isso ocorra, não adianta que haja investimentos somente na distribuição de livros, mas também na infraestrutura da escola e na motivação e qualificação dos professores, para que estejam cada vez mais capacitados para enfrentar a realidade ainda pouca animadora no Brasil. Como aponta Rosing:

Lacunas na formação dos professores enquanto leitores e a inconsistência dos raros programas de formação de mediadores de leitura desenvolvidos resultam numa inoperância da escola na direção de transformar o Brasil num país de leitores. (ROSING 2012, p.94)

Não por acaso que Petit considera que “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (2008, p.161). Afinal, a falta de preparo associada à falta de estímulo aos professores, muitas vezes, torna apreensiva a expectativa das instâncias dedicadas às transformações do cenário em que o livro se encontra hoje. Dessa forma, tal preocupação deve abarcar todo o processo, desde as políticas públicas de incentivo e investimentos em bibliotecas, passando pela qualificação dos professores, até a intervenção direta nos modelos de ensino/aprendizagem.

O envolvimento do professor é essencial nesse estímulo, mesmo que saibamos que administrar adolescentes em fases de desenvolvimento é uma tarefa que demanda paciência e dedicação. Mas é justamente através desse

desenvolvimento dos mediadores (sobretudo, escola e família) que os jovens tornam-se mais seguros e satisfeitos. Então,

as ações na esfera da leitura escolar devem estar voltados à união de esforços, complementaridade de propósitos, coletivização de responsabilidades, etc., no sentido de produzir mudanças substantivas na escola e no magistério, e assim levar a leitura para um patamar superior (SILVA, 2012, p.116)

De fato, recentes estudos relacionados à leitura no País, apontam vários pontos a serem repensados e melhorados. Entretanto, também temos boas notícias referentes aos indicadores do comportamento leitor brasileiro, que atingiu um “patamar inimaginável”, alcançando os quatro livros lidos, em média, por habitante/ano. O indicador revela que estamos acima do que já foi observado em pesquisas anteriores, embora com metodologias diferentes, elas apontavam um índice inferior, sendo entre 1,8 a 2 livros. (AMORIM, 2012, p.155). Dessa forma, os avanços na leitura, direcionam novas perspectivas nesse universo, indicando possibilidades e demandas para o mercado.

2.3 O acesso: entre as livrarias, as bibliotecas e a internet

O acesso ao livro é facilitado desde a implantação das máquinas na produção em grande escala, em diferentes localidades, mas também pelo investimento de empresas privadas que editam livros por todo país e facilitam a compra com uma ampla diversidade.

Para que tenhamos acesso aos livros, não são apenas as bibliotecas que desempenham essa atividade. No Brasil, o estudo feito pela Câmara Brasileira do Livro, Sindicato Nacional de Editores de Livro e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, mostra que existem cerca de setecentos e cinquenta empresas editando livros, das quais 498 se enquadram na definição de editora adotada pela Unesco, ou seja, anualmente publicam pelo menos cinco títulos por ano, em um total de pelo menos 5 mil exemplares. E, com isso, as vendas alcançaram em 2010 cerca de R\$ 4,2 bilhões (EARP; KORNIS, 2010, p.145). Contudo, as vendas dependem do preço do livro e dos seus compradores, que no Brasil é dividido entre o governo e o mercado em geral.

As bibliotecas são anteriores aos livros. Na antiguidade eram compostas por tabletas de argila, rolos de papiro e rolos de pergaminho. Até a Renascença elas não estavam a disposição de todos, eram sagradas e de cunho religioso, só tinha acesso quem fazia parte de certa “ordem”. Já a biblioteca moderna, que foi tomando espaço após a Renascença, abriu largamente suas portas e democratizou o acesso ao livro, deixando de ser um mero “depósito de livros” (MARTINS, 2002, p.71). Ela pertencia tanto a instituições particulares quanto as públicas.

As bibliotecas públicas eram destinadas a quem tivesse interesse, sendo responsável por colaborar na educação das massas, como um espaço de acesso ao livro e as informações. Ressaltamos que desde o princípio as bibliotecas tinham um caráter fechado, destinado a um público restrito e que aos poucos foi reformulando seu sistema.

Dentro desse sistema, observamos a organização interna de algumas bibliotecas, chamado de “livre acesso”, quando o público tem permissão para circular livremente pelo acervo, podendo fazer buscas e escolhas pessoalmente. Já nas bibliotecas que não se utiliza desse sistema, o leitor só pode escolher o livro através de um catálogo, deixando-o limitado e sem liberdade de acesso às estantes.

A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até os fins da Idade Média, o que seu nome indica etimologicamente, isto é, um *depósito de livros*, e mais o lugar onde se esconde o livro do que o lugar de onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo. (MARTINS, 2002, p.71)

Isso pode ser exemplificado com a chegada da biblioteca no Brasil quando havia somente bibliotecas particulares e de conventos, as quais não proporcionavam “benefício à coletividade” (MARTINS, 2002, 357). No caso da Biblioteca Nacional, foi em 1991 que ela passou por reformulações de estrutura física, serviços e equipamentos. Destaque especial a informatização do acervo que proporcionou um contato maior com instituições e usuários no mundo inteiro.

No censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, apresentada pelo IBGE em 2010, dentre os 5.565 municípios 79% possuem biblioteca em funcionamento, 8% não possuem, 12% estão em fase de implementação e 1% está reabrindo bibliotecas. Com isso, notamos que temos bibliotecas disponíveis em todo o país, o que facilita o acesso ao livro. Mesmo assim, são poucas as pessoas que afirmam ter o hábito de ir até uma.

3 PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS PARA PENSAR A RECEPÇÃO E O CONSUMO

Iniciados na década de 1970, os Estudos Culturais têm origem britânica e transformaram-se, ao longo das últimas décadas, em um fenômeno internacional, assim, se consolidando como um campo de estudos relativamente novo. Surgido através do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em Birmingham, na Inglaterra, e tendo como principais representantes Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams (ESCOSTESGUY; JACKS, 2005, p.37), esse campo relaciona diversas disciplinas no estudo de “aspectos culturais da sociedade contemporânea”.

Os Estudos Culturais compreendem que as “atividades sociais estão fundadas em e são dependentes de processos de produção de sentido” (ESCOSTESGUY; JACKS 2005, p.38-39). Sendo que na comunicação, não devemos evidenciar exclusivamente os meios, dando espaço ao “circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática” (ESCOSTESGUY; JACKS 2005, p.38-39). Portanto, trata-se de um estudo que entende a comunicação a partir da cultura, isto é, da aproximação do cotidiano dos sujeitos e do contexto social. Dentre as correntes de pesquisa nos Estudos Culturais, ressaltamos a perspectiva latino-americana que busca entender o processo de comunicação através da recepção, na qual nos filiamos para a realização desse estudo.

No campo da comunicação, os estudos de recepção têm “objetivo de analisar a cotidianidade dos sujeitos e o seu convívio com as diferentes esferas sociais, dando especial atenção às mediações que interferem na construção individual e social” (SANTOS, 2012, p.99), voltados à compreensão da complexidade que envolve a relação entre cultura e comunicação. Para isso, entende os sujeitos como agentes críticos diante do discurso midiático. Isso se deu a partir do momento em que o foco do texto foi deslocado para as audiências, como no caso do modelo analítico de Stuart Hall, especialmente, direcionados aos programas televisivos. (ESCOSTESGUY; JACKS 2005, p.39).

A pesquisa em recepção, no âmbito dos Estudos Culturais, passou por diversos momentos, avançando ao “entender que o telespectador interpreta a mensagem de acordo com seus valores, havendo distintas leituras para um mesmo produto” (SIFUENTES, 2014, p.44). Na segunda metade da década de 1980, os

estudos etnográficos passam a configurar o percurso das pesquisas que buscam compreender a recepção, assim, dando maior atenção ao uso social da mídia e se importando “com o papel da cultura e do meio social nos quais os leitores estão inseridos quando realizando suas interpretações.” (ibidem p.46). A autora destaca que é a partir do início da década de 1990 que o papel da mídia e o contexto do consumo ganham destaque nesses estudos. Dessa forma, não estão restritos a investigações das leituras de um programa em específico (SIFUENTES, 2014, p.49), mas também preocupados no sentido de compreender o espaço da mídia no cotidiano dos sujeitos.

Nesse sentido, a comunicação entendida pelo viés da recepção é uma forma de reconhecê-la como um processo contínuo e de mútua interferência entre as partes envolvidas nessa relação. Cabe salientar que alguns autores e textos tratam da recepção ainda como sinônima de consumo, sobretudo, na sua abordagem metodológica. O que, por vez, pode gerar certa imprecisão na definição dessas perspectivas, visto que, em nossa compreensão, recepção e consumo estão imbricados e podem ser tratados como momentos sequenciais do processo comunicativo, especialmente, se pensarmos no consumo cultural e simbólico dos produtos midiáticos.

Ronsini (2010) ressalta que apesar da divisão existente entre essas duas perspectivas, “os termos recepção e consumo são utilizados frequentemente como sinônimos para indicar o conjunto dos processos sociais de apropriação dos produtos da mídia”, podendo ser aplicada para englobar as “vertentes de estudos que tratam da relação dos meios de comunicação com as audiências” (RONSINI, 2010, p.2).

Contudo, utilizaremos tais perspectivas como complementares para analisar a relação entre o público jovem e o livro, a primeira para pensar a leitura/interpretação dos sujeitos sobre o produto/discurso midiático e a segunda para verificar os usos a partir da apropriação dessa mídia. O que queremos dizer é que o livro nem sempre é consumido no sentido econômico do termo, ou seja, na aquisição da sua materialidade, mas de uma maneira simbólica, quando os sujeitos se apropriam do que leem e geram usos sociais.

Na América Latina, destacam-se duas correntes de estudos que buscam analisar a comunicação a partir do polo da recepção/consumo, as quais serão norteadoras nesse trabalho. Uma delas é a do Consumo Cultural, desenvolvida pelo

teórico Nestor García-Canclini, e a outra do Uso social dos meios, concebidas pelo pesquisador radicado na Colômbia, Jesús Martín-Barbero.

Com base na articulação dessas perspectivas, entendemos que o consumo passa necessariamente pela compreensão do contexto de formação e inserção social dos atores sociais, que envolve as práticas cotidianas e suas subjetividades. Para isso, adotamos os estudos de recepção, como modelo teórico-metodológico, a partir da Teoria das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2009), com o objetivo de analisarmos de modo mais efetivo e preciso o consumo do livro, com o olhar voltado para o uso e as apropriações desse produto midiático por jovens estudantes. Sendo assim, Ronsini (2010, p.3) afirma que “o consumo é a interpretação que o investigador faz das práticas do investigado, isto é, do uso dos bens na rotina de quem usufrui deles [enquanto que] a ênfase da recepção reside na análise da constituição do cultural pelas mediações comunicativas”.

3.1 Os estudos de recepção a partir da teoria das mediações

Como observa Sifuentes “é importante pensar a mídia como parte da vida diária das pessoas” (2009, p.53). Por isso, levamos em conta que a comunicação é entendida como um processo pelo qual os sujeitos recebem conteúdos midiáticos e os tenciona, gera interpretações, de acordo com as suas particularidades de formação e inserção social. Portanto, não podemos tratar da comunicação e da cultura separadamente, do mesmo modo que não podemos analisar a relação dos sujeitos com a mídia sem que haja aproximação com o contexto social e de suas relações.

Para compreender as relações constitutivas entre comunicação, cultura e política, Martín-Barbero (2003) elabora o seu (re)conhecido mapa das mediações comunicativas da cultura (Figura 2). Para o autor, as mediações se referem a toda experiência individual adquirida ao longo da vida e que são responsáveis por propor negociações com aquilo que é hegemonicamente apresentado no e pelo texto midiático. Nesse sentido, as mediações seriam “os lugares que estão entre a produção e a recepção” e que demonstram que “há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza.” (WOTTRICH; SILVA; RONSINI, 2009, p.3).

É no emaranhado das relações que percebemos os significados construídos nos diferentes contextos. É no compartilhamento de ideias e nas trocas cotidianas exercidas pelos sujeitos que podemos apreender a familiaridade ou não com os meios de comunicação. Isso tudo implica no “aparecimento de novas identidades e novos sujeitos sociais, forjados, em especial, pelas tecnologias de comunicação” (ESCOSTEGUY; JACKS. 2005, p.65). Portanto, essa perspectiva é importante para entendermos a relação dos receptores e dos meios. Por isso, a utilização da perspectiva das mediações se justifica, pois elas “estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor” (ESCOSTEGUY; JACKS. 2005, p.67) e isso proporciona identificarmos as especificidades do uso social dos meios.

Figura 2 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura de Jesús Martín-Barbero (2003)



Como o mapa das mediações é bastante amplo e complexo do ponto de vista das diferentes dimensões das quais os sujeitos se relacionam com os conteúdos midiáticos - a sociabilidade, a ritualidade, a tecnicidade e a institucionalidade, optamos por delimitar nosso trabalho a partir de uma mediação específica, visto que reconhecemos a dificuldade de apreender todas elas de forma teórica e empírica. Portanto, o recorte se propõe a estudar o consumo do livro no cotidiano de adolescentes do ensino médio, a partir de uma das mediações comunicativas da cultura no processo de recepção – a sociabilidade.

A *socialidade*, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez um lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/ constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.17).

Para Wottrich, Silva e Ronsini (2009, p.8) essa mediação diz respeito aos modos pelos quais os indivíduos se constituem “através da família, da escola, da igreja, das comunidades, perpassadas pelas relações de gênero e de classe, além de questões étnicas”. É entendendo o contexto desses jovens, articulando a suas práticas cotidianas com a família e a escola, que podemos perceber de que maneira o livro está associado a essas instituições. Pois através dessas relações cotidianas que “se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades.” (WOTTRICH; SILVA; RONSINI, 2009, p.4).

Embora reconheçamos a interferência de todas as categorias para a compreensão da complexidade do fenômeno que envolve a recepção e o consumo de produtos midiáticos, na nossa pesquisa dentro da sociabilidade, trabalharemos especificamente com a mediação da escola, de forma teórica, e com a família a partir das observações empíricas.

Com isso, a pesquisa visa compreender a relação dos informantes e “o sentido que se produz a partir da experiência cotidiana com os meios” (RONSINI, 2010, p.2), neste caso, sendo o papel da escola e da família importantes na constituição dos atores e de suas relações com o livro. Pois, como afirma Martín-Barbeiro (2003) a comunicação vista a partir da *sociabilidade* se revela uma questão de *fins*, assim, é ela quem constitui o sentido da construção da sociedade.

3.2 Perspectiva sociocultural do consumo

As transformações no mundo contemporâneo fizeram dele um lugar no qual o acesso aos meios e as informações é cada vez mais rápido e fácil. A globalização, entendida por Ortiz (1994) como “produção, distribuição e consumo de bens e de serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial e voltado para um mercado mundial”, faz com que encontremos em lojas de nossa cidade, o que está disponível em outros lugares do globo. As cidades foram importantes nesse processo de globalização do mercado, pois elas se tornaram cidades globais e transformaram os

sujeitos em “cidadãos mundiais” sem sair do lugar, pois “o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano” (ORTIZ, 1994, p.8). Assim, o que estava distante ficou próximo e estabeleceu uma relação entre territórios remotos. Por conta disso, passamos a consumir produtos com características globais e de acordo com gostos compartilhados, inclusive os livros. As empresas não produzem para uma ou outra pessoa, mas para determinados nichos.

Com a introdução da internet e de suas inúmeras possibilidades de compras e divulgação de serviços e produtos, as estratégias do mercado, especialmente a do impresso para o digital cria “novos padrões comportamentais, tanto perceptivos, quanto participativos, mudando a forma do objeto, da interação e, conseqüentemente, a forma de consumo (SEGALLA, 2014, p. 23). O acesso ao livro modifica a relação dos sujeitos através de sites de compra, coleções, promoções, compras coletivas, sites de opinião voltadas ao livro e a leitura, alterando os modos de acesso e de consumo, introduzindo-os a nichos específicos.

A relação da fragmentação do mercado e, conseqüentemente, o aumento do consumo, também foi observado por Canclini, quando nos apresenta que a oposição de gostos e grupos se dá pela “adesão diferencial a subsistemas culturais de diversa complexidade e capacidade de inovação” (CANCLINI, 2010, p.68). É o caso de que enquanto alguns jovens leem literatura brasileira, muitos outros preferem aqueles que estão entre os mais vendidos, os chamados, *Best Sellers*.

A venda de produtos que sejam do gosto de grupos específicos, que podem tanto estar no mesmo bairro ou em outro país, são disponibilizadas para um público imensurável. E por estarem nesse mundo de consumo, os adolescentes também estão ligados por seu gosto em comum. No caso dos jovens, público de interesse da nossa pesquisa, isso confirma o fato de que

os bens culturais consumidos pelos jovens apresentam-se como base significativa para a compreensão dos sentidos atribuídos a vida e a morte, mas também aos variados afetos, pertencas, expectativas existenciais, hábitos e práticas do dia-a-dia (ROCHA; BORELLI, 2008, p.240).

Entretanto, essa estratégia mundial não se restringe somente a produtos, mas também contemplam feiras e bienais, Canclini (2010) mostra como elas contribuíram para esse “jogo multicultural”, pois fizeram as obras “circularem de maneira desterritorializadas” (p.132), fazendo com que os autores se adaptassem a públicos globais. Neste caso, “o leitor é o consumidor final, é quem compra, é quem

consome, é quem indica [e quem lê e é quem dita, no final das contas, o rumo do mercado]” (PROCÓPIO, 2010, p. 213).

Canclini (2010) explica que a América Latina passa de uma colonização pelos europeus para uma submissão econômica aos americanos. Para o autor, os latino-americanos foram influenciados politicamente pela Europa e, a partir das últimas décadas, a nossa relação econômica e cultural foi intensificada com os Estados Unidos através do consumo. Então, ele nos mostra que “através da relação com a Europa, nós, latino-americanos, aprendemos a ser cidadãos, enquanto os vínculos preferenciais com os Estados Unidos nos reduziram a consumidores” (CANCLINI, 2010, p.13). Podemos exemplificar essa situação ao destacarmos os inúmeros filmes, seriados e jogos que são produzidos por essa indústria cultural que incentiva o consumo, principalmente dos jovens, que buscam estar sempre atualizados e acompanhando o que acontece na mídia, integrando novas práticas e nichos.

Podemos destacar, na indústria do livro, a inserção de *Best Sellers* estrangeiros que dominam as listas das obras mais vendidas no Brasil. Segundo Reimão (2011, p.200), em levantamento realizado entre 2000 e 2009, dentre os 100 livros de ficção mais vendidos no Brasil, 76 deles são de autores estrangeiros. A autora observa que os títulos de dois autores se destacam nesse levantamento, o sucesso mundial de “Harry Potter”, da autora britânica “J. K. Rowling” e os títulos da autora norte-americana “Stephenie Meyer”. Isso caracteriza-se pela integração mundial de consumidores, a qual, unifica gostos e desejos através desse compartilhamento de sentidos.

Como identifica Canclini (2010, p.67), “vivemos em um tempo de fraturas e heterogeneidade, de segmentações dentro de cada nação e de comunicações fluidas com as ordens transnacionais da informação, da moda e do saber.” Entretanto, o autor aponta que no meio de tanta diversidade de escolhas, podemos encontrar “códigos que nos unificam”, permitindo essa relação que ultrapassa fronteiras.

A partir disso, o autor aborda que o pensamento sobre a cidadania, em uma época de bens não duráveis, deve ser repensado e o estudo do consumo considerado pertinente, pois ele influencia nas decisões do cidadão. Por isso ele propõe “reconceitualizar o consumo”.

O consumo precisa ser visto além da esfera econômica, como algo que impulsiona as relações de convivência de compartilhamento de experiências, constituindo sujeitos a partir dessas novas perspectivas de relacionamentos, pois “o

consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.292.). Afinal, quando “selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade (CANCLINI, 2010, p.35).

Os pressupostos de Canclini sobre consumo cultural constituem uma teoria sociocultural do consumo, elaborando uma conceituação global, na qual incluiu os processos de comunicação e recepção de bens simbólicos. A partir disso, ele propõe uma definição do consumo, como sendo o

[...] conjunto de processos socioculturais que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado (CANCLINI, 2010, p.60).

O consumo não se resume ao gasto e o simples desejo de aquisição material, inclusive, ao resgatar o pensamento de Appadurai (1991), que considera que o consumo é algo eminentemente social, e ativo, ao invés de atomizado e passivo, Canclini (2010) reitera que o “valor mercantil não é alguma coisa contida naturalisticamente nos objetos, mas é resultante das interações socioculturais em que os homens os usam” (p.70). Portanto, é algo muito mais complexo e que envolve e produz relações, conseqüentemente, diz respeito às pessoas. Nesse sentido, o consumo é uma prática que também serve para pensar e não restrita a “gastos inúteis e compulsões irracionais” (CANCLINI, 2010, p.59). Isto é, por meio do consumo é possível despertar a reflexão sobre as ações e interpretações dos sujeitos consumidores, assim, superando a noção de que o “consumo é um ato individual, movido pelo desejo, no qual são exercitados apenas gostos pessoais” (JACKS, 1994, p.44). Afinal, o consumo provoca a combinação de interesses, proporciona interações com os meios e os sujeitos a partir da aproximação de gostos e desejos em comum de bens, assim, produzindo e compartilhando significados.

Com base nisso, Canclini (2010) desenvolve seis racionalidades de definição e análise do consumo. São eles: 1) lugar de reprodução da força de trabalho e da expansão do capital; 2) lugar onde as classes e os grupos competem pela apropriação do produto social; 3) lugar de diferenciação social e distinção simbólica

entre os grupos; 4) sistema de integração e comunicação; 5) cenário de objetivação dos desejos; e, por último, 6) processo ritual.

Para efeito de delimitação, neste trabalho, optamos pela perspectiva que diz respeito ao “sistema de integração e comunicação” (item 4) trabalhada pelo autor. Essa perspectiva não compreende o consumo como algo que divide os sujeitos, mas algo que está relacionado a trocas de sentidos, pois no consumo as classes distintas se integram, sendo “*un juego simultáneo de intercambios y distinciones [portanto] el consumo puede ser también un escenario de integración y comunicación*” (CANCLINI, 1992, p.4). E isso pode ser observado a partir das práticas cotidianas, em que diferentes grupos sociais convivem em diversos espaços, tornando-os, “*compartimentos de consumo que favorecen la sociabilidad*” (CANCLINI, 1992, p.4).

Os indivíduos ao compartilharem os mesmos sentidos, inclusive, aqueles agenciados pelos produtos midiáticos e traduzidos nas práticas cotidianas – reuniões e almoço com amigos, passeios em shoppings e livrarias, entre outras – faz do consumo um verdadeiro “elemento socializador” (ECOSTEGUY; JACKS, 2005, p.59). Ainda podemos levar em consideração os grupos que são formados para discutir e compartilhar conhecimento e conteúdo a respeito das práticas de consumo, fato que fica muito evidente com as mídias digitais, por exemplo, através de grupos e comunidades de fãs da saga “Harry Potter” e através de eventos específicos realizados na cidade de Santa Maria como o “Encontro de POTTERHEADS”²³.

Dessa forma, a posse de objetos e a satisfação das necessidades são fundamentais para a confirmação de significados e valores comuns (CANCLINI, 1992). O consumo, como parte do cenário social, pode ser definido como um elemento de construção, de pertencimento e integração dos sujeitos a determinadas práticas, reconfigurando valores e significados partilhados pelas pessoas e grupos sociais. Sendo assim, o uso e a apropriação dos produtos midiáticos, segundo Canclini (1992), definem as particularidades do consumo cultural, mostrando-nos a história do consumo e os vários estilos dessas apropriações, apresentando-se como “*una interacción dinámica, abierta y creativa entre (varios) proyectos de modelación social*” (p.7).

²³ Evento realizado para fãs do “Harry Potter” na livraria Athena na cidade de Santa Maria.

4 PERCURSO METODOLÓGICO: DA APROXIMAÇÃO À OBSERVAÇÃO E ANÁLISE EMPÍRICA DO CAMPO

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa dividida em dois eixos: pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica. A pesquisa bibliográfica, conforme Stumpf (2009, p.51), “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas e selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado”. Com isso, localizamos a literatura pertinente ao assunto por meio de portais, bibliotecas, anais de congressos, teses e dissertações.

No que tange a pesquisa empírica, realizamos nossa investigação em uma escola estadual da cidade de Santa Maira, com o objetivo de compreender o consumo de livros por adolescentes de escolas públicas de Santa Maria. Para isso, tratamos a escola como uma categoria teórica e empírica de observação e análise, pois é uma importante mediação da sociabilidade de jovens quando o assunto é o livro e a leitura.

De modo complementar, buscamos entender a participação familiar nessa relação, visto que a família está diretamente ligada aos aspectos que envolvem a formação e o interesse dos adolescentes, inclusive, sendo uma das instituições igualmente responsável pela relação que os jovens têm ou não com o livro. No entanto, destacamos que a categoria família será observada apenas de forma empírica, assim, auxiliando na compreensão dos usos e apropriações expressados por eles no seu dia-a-dia.

Para isso, realizamos um estudo de recepção, a partir da perspectiva teórico-metodológica das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003), especificamente a sociabilidade, para entender a relação entre escola, família e o livro. Nesse caso, a escolha da mediação da sociabilidade permite “a análise do contexto onde os receptores movimentam-se, atuam.” (WOTTRICH; SILVA; RONSINI, 2009, p.8). Por meio da fala dos pesquisados, nossa intenção foi a de verificar o modo como esses ambientes contribuem e são interpretados pelos agentes da pesquisa e, assim, compreender o consumo do livro entrando a campo pelo viés da recepção.

Para respondermos o problema de pesquisa “De que forma as mediações escola e família contribuem na relação de adolescentes com o consumo do livro e a leitura?”, seguimos diferentes etapas metodológicas, desenvolvidas em ordem de aplicação e organização, como veremos a seguir.

4.1 A sociabilidade a partir da família e da escola: categorias (teóricas e empíricas) de análise

Stanley Hall (apud FERREIRA; FARIAS 2010, p.230) aponta que a adolescência é uma etapa que requer estudo e atenção. É uma fase de inúmeras transformações, tanto físicas e psicológicas quanto de gostos e práticas, que envolvem a formação dos sujeitos e de suas identidades. Nesse período, os adolescentes têm a necessidade de pertencimento e reconhecimento perante os demais membros do grupo. Diante disso, destacamos o papel da mídia na construção das identidades, inclusive, sendo referência nos modos de ser e agir dos jovens, como através de filmes, músicas, publicidade e, também, dos próprios livros.

O livro é o instrumento que, durante grande parte da história do homem, foi o responsável por materializar e transmitir conhecimento e as ideias dos povos. Sendo assim, buscamos compreender a relação de adolescentes com o livro, em meio a tantas novas possibilidades de consumo midiático, e de que maneira isso está imbricado com as suas práticas cotidianas e no seu contexto de formação pessoal e subjetivo.

Nesse sentido, reiterado pela publicação “Retratos da leitura” e pelos estudos de Petit (2008), entendemos que a intensidade de leitura dos jovens está diretamente relacionada com o estímulo recebido no ambiente familiar e escolar. Por conta disso, adotamos nesse trabalho como categorias de análise, teóricas e empíricas, a escola e a família.

“O sentido da escola e do conhecimento é projetar-se no futuro” (RONSINI, 2012, p.223), portanto, é no ambiente escolar que os adolescentes se desenvolvem pessoalmente e tendem a traçar os primeiros objetivos profissionais, como o da formação superior, através do ingresso no Ensino Superior ou de uma vida melhor por meio de um bom emprego. Por isso, em grande medida, que é na escola que são depositadas as “esperanças juvenis – muitas vezes estimuladas pela mídia – de ascensão social” (RONSINI, 2012, p.316).

Portanto, é a partir do cotidiano de aprendizagem de novos conhecimentos e relações sociais que podemos compreender o “papel das instituições como a família e a escola na constituição do ser jovem e na formação de valores que concorrem com os valores da mídia” (RONSINI, 2010, p.11). Tal afirmação que vem ao

encontro de nossa proposta de pesquisa quando articula o papel dessas instituições na relação com os produtos midiáticos, neste caso, o livro.

No espaço escolar os jovens têm contato com diversas práticas, outros adolescentes e professores, o que forma redes de interesses, inclusive, aquelas formadas por pessoas que compartilham o gosto pela leitura. Pois, muitas vezes, os jovens não têm acesso ao livro em casa, não costumam ver os pais lendo e nem adquirindo livros, enquanto na escola possuem a possibilidade de ter contato, discutir sobre literatura e, em muitos casos, desenvolver o interesse pela leitura.

Para muitos adolescentes, o ambiente escolar é o único ambiente pelo qual possuem o acesso e o contato com o livro. Além de ser um espaço responsável pela alfabetização, também é de motivação (ou, pelo menos, deveria) para que os alunos desenvolvam práticas leitoras e, assim, contribua na qualificação do comportamento leitor. Portanto, não podemos deixar de considerar que são relações de participação que produzem maior ou menor estímulo pela leitura dentro do contexto escolar.

Além disso, a família está relacionada a todo esse processo, pois é uma mediadora essencial para que o livro tenha relevância e importância na vida dos jovens. Mesmo não tendo condições de adquirir exemplares, os pais podem ser responsáveis por despertar a curiosidade e o interesse pelos livros e o gosto pela leitura.

4.1.1 Conhecendo a Escola: observações preliminares

O trabalho de campo iniciou com o mapeamento das escolas de Santa Maria e a possibilidade de inserção no espaço escolar para a pesquisa. No entanto, o fator decisivo para a escolha da Escola, para a realização desse estudo, foi o contato prévio que pesquisadora tinha com professores e alunos, tendo em vista um projeto realizado anteriormente em uma disciplina do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. Esse envolvimento facilitou e contribuiu para a observação *in loco* do espaço escolar.

Fundada em 26 de agosto de 1946, a Escola analisada está localizada no bairro Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Santa Maria/RS, e atende somente jovens do Ensino Médio. Mantida pelo Estado do Rio Grande do Sul e administrada pela Secretaria Estadual de Educação, a Escola atualmente possui 1.266 alunos,

divididos entre os turnos da manhã (596), da tarde (410) e da noite (260) e conta com 133 professores.

A Escola desenvolve alguns projetos no decorrer do ano letivo que, buscam complementar e aprofundar o trabalho realizado em sala de aula. Os projetos desenvolvidos atualmente são: - o de “Reciclagem”, que consiste na doação de materiais para trabalhar a reciclagem na escola; de “Dança”; de “Capoeira”; e de “Redação”. Além desses, existem os projetos desenvolvidos por uma professora de português que são: “Mostra Vida em Vídeo”, “Reciclagem e Leitura”, “Soletrando”; “Refletindo, discutindo e vivenciando políticas” e, também, o projeto “Integração família e escola no processo de leitura e escrita”.

Além disso, a Escola conta com serviços de apoio como os da Biblioteca Escolar, com um acervo atualizado e organizado, e com laboratórios de Química, Biologia e Informática, sendo esses importantes espaços de desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas.

4.2 Aproximação com o campo: o estudo exploratório

O estudo exploratório visa uma primeira consulta ao nosso campo de estudo e análise. A pesquisa exploratória “fornece subsídios para melhor entender aspectos desconhecidos do objeto empírico que é construído de forma processual nas pesquisas de cunho qualitativo” (JACKS *et al*, 2014, p.16). Nesse caso, foi o contato com a escola que permitiu identificar e delinear os demais caminhos metodológicos. Com a autorização da direção, foi feita a primeira aproximação com os alunos, nos horários do intervalo, e o acompanhamento da cotidianidade escolar. Para isso, a pesquisadora frequentou a escola durante dois turnos (manhã e tarde) a fim de ter contato com os alunos das três séries do Ensino Médio.

Portanto, foram adotadas diversas técnicas de caráter etnográfico como a observação participante, as conversas informais, o diário de campo e o questionário para a coleta dos dados e observação sistemática do objeto de estudo: a relação dos jovens com o livro a partir do ambiente escolar.

4.2.1 Observação participante, conversas informais e o diário de campo

Inicialmente, foi realizada a técnica de observação participante e conversas informais com alunos pelos corredores e na biblioteca da Escola. Também foram realizadas conversas informais com professores, bibliotecários e donos de livrarias. Esse primeiro contato foi fundamental para podermos identificar alguns pontos que auxiliaram na definição das etapas metodológicas seguintes e no progresso da pesquisa. Para isso, no decorrer das semanas iniciais do contato com a escola, as conversas informais ajudaram a compreendermos melhor esse espaço.

A observação participante, segundo Priest é “o aprendizado sobre um grupo social e sua cultura (ou subcultura) por meio da participação como membro dentro desse grupo” (2011, p.32), contribuindo para a descrição sistemática. Além disso, como passos metodológicos, foram aliadas as conversas informais com o objetivo de se aproximar e a criar os primeiros vínculos com os pesquisados. Isso foi realizado durante seis semanas, entre os meses de julho e setembro, em dois turnos no ambiente escolar. As abordagens, que ocorriam durante o intervalo e as visitas dos alunos a biblioteca, tinham o interesse de compreender a relação diária dos jovens com os livros e o ambiente escolar em geral.

Inicialmente, a pesquisa visava compreender o consumo do livro no primeiro ano do Ensino Médio, fazendo um levantamento dessa faixa etária. Entretanto, ao consultarmos os documentos da biblioteca, livro de presença, de retiradas e de sócios, identificamos que os segundos e terceiros anos tinham uma frequência ativa e até maior na biblioteca. A partir disso, optamos por ampliar a formação da nossa amostra, assim, abarcando os jovens das três séries do Ensino Médio da Escola.

As conversas informais com os alunos aconteciam na biblioteca, nos corredores e no pátio. A escola conta com um espaço amplo para a socialização dos alunos, sendo três espaços abertos, no qual eles permanecem durante o recreio e o turno inverso das aulas, nas atividades de educação física. Dentre os espaços estão os da entrada, com quadras de basquete e voleibol, uma área aberta com árvores e bancos, onde os jovens circulam e se reúnem nos intervalos e, também, entre os dois principais prédios da Escola, há ainda outra área arborizada com locais para sentar, sendo esse o espaço em que a maioria dos alunos frequenta no intervalo.

Ainda sobre a socialização e o uso do espaço escolar, percebeu-se o uso frequente do celular durante o intervalo entre os estudantes, para fazer fotos e

acessar as redes sociais. Os alunos costumam ficar em grupos de amigos, conversando, caminhando, jogando cartas e escutando música. O horário do recreio é movimentado, também, pela escola disponibilizar o lanche todos os dias. O lanche vem através de um programa do governo, e isso gera filas e um pouco de tumulto logo no início do intervalo.

Para registo de todo esse processo foi utilizado o diário de campo, o qual funciona como um registro descritivo do que foi presenciado (TRAVANCAS, 2009, p.101). Nele foram apontadas características da escola e da socialização, das conversas informais com alunos, professores e coordenadores, bem como informações sobre os projetos executados atualmente.

4.2.2 O questionário e a definição da amostra

Com a definição do público adotado para a pesquisa, outro passo metodológico foi o da aplicação de questionários que visaram um levantamento preliminar de informações a respeito dos adolescentes dos três anos do Ensino Médio da escola analisada. A aplicação desse instrumento também teve o intuito de estabelecer novos contatos e a aproximação com o universo de pesquisados e futuros componentes da amostra.

O questionário é uma técnica de coleta de informações quantitativas, por isso é indicada para a aplicação em um grande número de respondentes. O instrumento é elaborado e disponibilizado para que o informante responda as questões, “com perguntas iguais pra todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas” (DUARTE, 2009, p.67).

Nesse estudo, foram aplicados cento e quinze questionários (Apêndice A) em duas turmas de cada ano do Ensino Médio, portanto, totalizando seis turmas. Os jovens respondentes que fazem parte do universo total da amostra têm idades entre 14 e 18 anos. O questionário contou com dezoito questões, abertas e fechadas. As perguntas abertas visavam conhecer o perfil dos jovens, enquanto as fechadas buscaram revelar o perfil e o envolvimento dos alunos com o livro e a leitura. Dessa forma, “o questionário é utilizado para dar subsídio inicial ou para aprofundar resultados obtidos em entrevistas em profundidade” (DUARTE, 2009, p. 67).

A aplicação foi realizada durante o mês de agosto de 2014, durante horário de aula, com autorização prévia dos professores e da direção da Escola. Além disso, ressaltamos que o questionário foi respondido a partir da autorização dos responsáveis, via assinatura de termo de aceite e ciência, uma vez que a maioria dos adolescentes é menor de idade.

O estudo exploratório, mais precisamente, o questionário, também foi responsável pela construção da amostra do estudo, que “caracteriza-se como um subconjunto representativo, com certo número de elementos, que são retirados do conjunto universal” (RICHARDSON, 1999, p. 160). A seleção da amostra foi feita de forma não-probabilística e baseada tanto em critérios de conveniência, que leva em consideração a disponibilidade dos respondentes, e de intencionalidade, quando o pesquisador seleciona quem têm conhecimento do assunto estudado (DUARTE, 2009, p.69). Por conta disso, os jovens foram selecionados com base no interesse e disponibilidade demonstrados durante a etapa do questionário, assim como, levou-se em conta o grau de envolvimento que tinham com o tema de nosso interesse de investigação, o livro e a leitura.

A partir desses critérios, a amostra foi composta por quatro jovens (tabela 2), estudantes da Escola, sendo um do primeiro, dois do segundo e outro do terceiro ano do Ensino Médio. Isto é, buscou-se dar coerência ao grupo de pesquisados abarcando jovens de todas as séries, o que também reforça e amplia a abrangência etária. Contudo, queremos destacar que a opção por selecionar dois entrevistados do segundo ano se justifica pelo levantamento inicial feito junto à biblioteca, que aponta ser a série em que os alunos mais frequentam e retiram livros.

Tabela 2 – Perfil reduzido dos entrevistados

Nome	Idade	Série	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe	Profissão do pai	Profissão da mãe
Tanara	16	2º ano	Técnico em mecânica	Ensino Médio completo	Funcionário Público da Corsan	Empregada Doméstica
Elisa	15	2º ano	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Gerente Posto de Gasolina	Autônoma
João	17	3º ano	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	Agricultor	Professora Ensino Fundamental
Karina	14	1º ano	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Incompleto	Motorista	Empregada Doméstica

Por último, e não menos importante, dessa etapa metodológica, juntamente com a observação participante, as conversas informais e o diário de campo, serviu para validar a importância de nossa proposta de pesquisa ao fazer um levantamento preliminar do consumo de livro por adolescentes. Assunto que se revelou, desde o início do estudo exploratório, importante e necessário para ser discutido e analisado, sobretudo, por ter a educação e a formação dos jovens como cenário de discussão.

4.2.3 Imersão no campo: as entrevistas em profundidade

Inicialmente, houve um encontro com a amostra na biblioteca da escola, previamente agendado, para que a pesquisa fosse apresentada e as dúvidas sanadas. Esse momento também serviu para que os alunos selecionados para compor a amostra sugerissem as datas e horários para as entrevistas em profundidade. Reforçamos que todos os escolhidos foram convidados e se disponibilizaram para a pesquisa, com a devida autorização dos seus responsáveis.

Para o aprofundamento na compreensão sobre nossa proposta de trabalho, a partir do recolhimento de informações empíricas, utilizamos entrevista

semiestruturada. Segundo Duarte, por meio da técnica da entrevista podemos explorar “um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes” (2009, p.62), pois se trata de uma abordagem dinâmica e flexível. A entrevista contribui para a imersão na realidade do entrevistado, dando-lhe maior liberdade para ampliar e aprofundar as suas respostas, bem como para o entrevistador que tem a possibilidade de realizar outras perguntas que não estavam previstas no roteiro inicial. O objetivo da entrevista está “relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (DUARTE, 2009, p.63).

A entrevista teve caráter em profundidade, pois, sendo um estudo de recepção, buscamos aprofundar a compreensão do comportamento do entrevistado e de suas experiências, subjetividades e relações cotidianas com o livro, em relação ao seu contexto. Isso porque ao tratarmos da sociabilidade, necessariamente, implica em conhecermos os espaços de interação entre os sujeitos e instituições, como a escola e a família.

Foram realizadas entrevistas semiabertas presenciais com questões semiestruturadas, através de um roteiro (Apêndice B), aplicadas aos quatro adolescentes. As entrevistas foram agendadas de acordo com o horário disponível dos entrevistados, sendo que todos preferiram realizar a entrevista no turno inverso ao das aulas, no qual, segundo eles, teríamos mais tempo para realização da pesquisa e também facilitaria a mobilidade dos jovens e a autorização dos seus responsáveis.

No momento da entrevista, buscou-se o diálogo de maneira a identificar posicionamentos e ideias dos adolescentes acerca das práticas e dos usos do livro. A entrevista foi composta por setenta e quatro questões, subdivididas em quatro blocos, que permitiram explorar e aprofundar os aspectos relacionados ao livro. Além das duas categorias, escola e família, que pautaram dois blocos de perguntas específicas para a investigação da sociabilidade dos entrevistados, também se definiu outros dois blocos sobre o acesso ao livro e o consumo, para que, a partir das mediações, compreendêssemos a relação do consumo do livro por meio do seu uso e apropriação.

Destacamos que tanto as categorias quanto o roteiro da entrevista foram constituídos com base no estudo exploratório, ou seja, dos assuntos detectados empiricamente no campo. Com isso, as questões foram voltadas à experiência da leitura no cotidiano dos adolescentes, explorando suas relações com o livro e a

mediação da escola e da família, além de compreender as motivações de leitura e interesse pelo livro.

As entrevistas aconteceram na biblioteca da escola, espaço no qual os jovens conheciam e se sentiam a vontade para conversar sobre a leitura. O áudio da entrevista foi gravado e transcrito para melhor entendimento e construção da análise.

4.2.4 Articulando a teoria e o empírico: o processo de análise do consumo a partir de um estudo de recepção

A criação de categorias de análise tem como propósito delimitar a abordagem sobre a temática do livro no ambiente escolar e familiar, surgindo do resultado do estudo exploratório, através do reconhecimento dos principais assuntos e associações recorrentes ao livro e a leitura. Então, destacamos que a definição das categorias se deu pelo próprio contexto dos pesquisados, o que vimos como fundamental quando estamos tratando dos Estudos de Recepção, dando voz aos receptores e não os impondo assuntos para o debate.

Com base na perspectiva teórico-metodológica das mediações, analisamos como as categorias da escola e da família, necessárias para a formação dos indivíduos, permite-nos compreender de que forma ocorre o acesso e o consumo ao livro, sobretudo, a partir do uso e das apropriações feitas pelos adolescentes pesquisados. Para isso, recorreremos as falas dos entrevistados que evidenciem justifiquem tal relação balizadas pelas mediações escola e família.

Portanto, a análise foi estruturada a partir das categorias estabelecidas, ou seja, com base em “determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria” (DUARTE, 2009, p.79). Isto é, as falas dos pesquisados foram articuladas com a teoria a fim de perceber a atuação da mediação da sociabilidade direcionando, balizando e justificando determinadas posturas e interpretações no que diz respeito ao consumo do livro e nas relações estabelecidas.

Na categoria escola, abordada teórica e empiricamente nesse estudo, discorreremos sobre a relação que a instituição tem com a leitura, focando em pontos específicos como a biblioteca, espaços de leituras proporcionados aos alunos e os

projetos relacionados ao livro e aos incentivos à leitura que a escola fornece. Nesse contexto, outro ponto importante é o papel dos professores para compreender a formação dos alunos, no sentido de que eles proporcionam momentos que façam o aluno se sentir motivado pelo livro e pela leitura, através de indicações e conversas em sala de aula.

Na categoria família, compreendemos qual é o papel da família na mediação entre o jovem e a sua relação com livro e a leitura, entendendo como fatores determinantes no incentivo e no uso do livro em casa, se os pais leem livro ou texto, na liberdade dada pelos pais e na maneira que todas essas construções interferem no gosto pela leitura.

Para entendermos como esses jovens tem acesso ao livro, na terceira categoria, compreendemos quais são os lugares que eles percorrem para compra ou consulta. Para isso, aqui, entenderemos se o acesso se dá por meio de retirada na biblioteca pública ou a da escola, se preferem comprar em livrarias da cidade, ou, por exemplo, através da internet, sem desconsiderar aqueles que pegam emprestado com amigos e parentes.

E, por fim, nossa última categoria trata do consumo a partir do uso e a apropriação do livro pelos adolescentes. Para isso, nos embasamos em todas as categorias apresentadas até agora a fim de compreender de que modo a sociabilidade dos sujeitos medeia a maneira como esses jovens fazem uso e se apropriam do produto midiático, o livro.

Por detectarmos, tanto no estudo exploratório como nas entrevistas em profundidade, a importância das mediações na compreensão do consumo, a análise seguiu um percurso evidenciado pelo o campo empírico. A relação entre a mediação escola, perpassada pela mediação da família, justifica a relação dos adolescentes com o acesso ao livro e, conseqüentemente, o uso, as apropriações e o consumo do livro. Portanto, uma etapa leva a outra, sendo que as mediações fundamentam a presença ou não do livro e da leitura no cotidiano dos adolescentes.

Salientamos que todos os pesquisados serão identificados por nomes fictícios a fim de não expor as suas identidades com a menção dos dados obtidos nas entrevistadas. Afinal, por termos acesso a informações particulares, é um cuidado fundamental com a ética da pesquisa.

5 RECONHECENDO O CAMPO: ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Apresentamos, a seguir, a análise das categorias (família, escola, acesso e consumo), as quais possibilitam entender e justificar as práticas de consumo adotadas pelos jovens a partir dos dados empíricos. A análise das categorias segue o percurso das mediações ao consumo.

5.1 Mediação família: o papel dos pais na formação de leitores

Petit (2008, p.140) ressalta a “importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação” para que as crianças tenham contato, desde cedo, com o livro, adquirindo o gosto e o hábito da leitura. Queremos dizer que a media que os pais também têm experiências e práticas leitoras, estimulando essas atividades em família, isso vai ser significativo para formação dos filhos. Dessa forma, evidenciamos a importância, sobretudo, no que diz respeito ao incentivo cotidiano dos pais, para a formação da sociabilidade dos jovens. Entendemos que eles são responsáveis por legitimar essa prática, demonstrando, através de exemplos diários de leitura, o interesse em ler e aprender com os livros, assim, motivando o desejo nos filhos, afinal, a família é o primeiro e decisivo espaço de socialização dos sujeitos.

Nesse sentido, conforme o exemplo francês apresentado por Petit (2008), “a criança cuja mãe lhe contou uma história toda noite tem duas vezes mais chances de se tornar um leitor assíduo do que aquela que praticamente nunca escutou uma” (p.141). Portanto, isso reitera o quanto é essencial atentarmos para a relação da família com o livro, visto que ela será decisiva na motivação para que seus filhos usufruam dos benefícios trazidos pela leitura.

A participação familiar na vida dos quatro entrevistados parece ser efetiva quanto à exigência pela dedicação nos estudos e a liberdade. É unânime entre eles a preocupação dos pais com o desempenho escolar e as atividades desenvolvidas pelos pesquisados. Isso é percebido ao afirmarem que sempre que desejam realizar qualquer tipo de coisa, como viagens e compras, eles precisam consultar os pais,

revelando certo controle em relação as suas atividades e, em muitos casos, tendo a dedicação aos estudos como fator decisivo para terem maior ou menor liberdade.

Ainda assim, Elisa, Tanara e João acreditam que a exigência nos estudos poderia ser mais rígida. Entretanto, segundo eles, os seus pais sabem que eles se dedicam, portanto, acabam não cobrando tanto. Relatam também, que no final do ano, próximo ao fim das atividades escolares, os pais estão sempre atentos às notas e são rígidos, demonstrando total preocupação com o esforço e dedicação nos estudos. Tal postura pode ser exemplificada quando Karina afirma que já foi “privada de muita coisa por ir mal na escola”, e que, caso não cumpra com os deveres da escola, leva o chamado “sermão”.

A preocupação dos pais, geralmente, está associada ao desejo de mostrar para o filho que o estudo é importante para que tenham um futuro melhor. Fato que pode ser observado quando a entrevistada comenta sobre a importância do estudo para ela:

Vou estudar porque eu quero ter uma vida melhor que a dos meus pais, sabe? Tipo, eu vou querer ter isso. E isso foi uma coisa que sempre meus pais influenciaram, porque meu pai tem técnico e minha mãe só o Ensino Médio. E eles disseram assim: “Vocês tenham uma vida melhor do que a gente” [...] Querem que os filhos tenham mestrado, doutorado, sempre evoluindo. Nunca, ah, só o Ensino Médio. Entendeu? Tipo, sempre foi uma coisa que eles sempre falavam que era sempre pra gente ter essa motivação de querer sempre mais (TANARA).

Quando indagados sobre os conflitos, os entrevistados afirmam que, quando acontecem, geralmente, são por suas opiniões serem contrárias ou discordarem dos seus pais em alguns pontos e, também, quando deixam de fazer alguma atividade em casa. Essas atitudes são recorrentes por estarem em uma fase de instabilidade emocional e rebeldia que é a da adolescência. As regras que são estabelecidas em suas casas são para as atividades diárias como: arrumar a cama, manter o quarto em ordem, lavar a louça e se dedicar aos estudos.

Percebemos que em todas as famílias a relação é expressiva, seja em conversas do dia-a-dia, como em viagens e passeios feitos durante o ano. Os quatro entrevistados comentam que conversam muito com os pais sobre diversos assuntos. Todos salientam que têm mais abertura com as mães, mesmo que tenham uma boa relação com o pai, entretanto, afirmam, que ela é mais flexível e disposta ao diálogo.

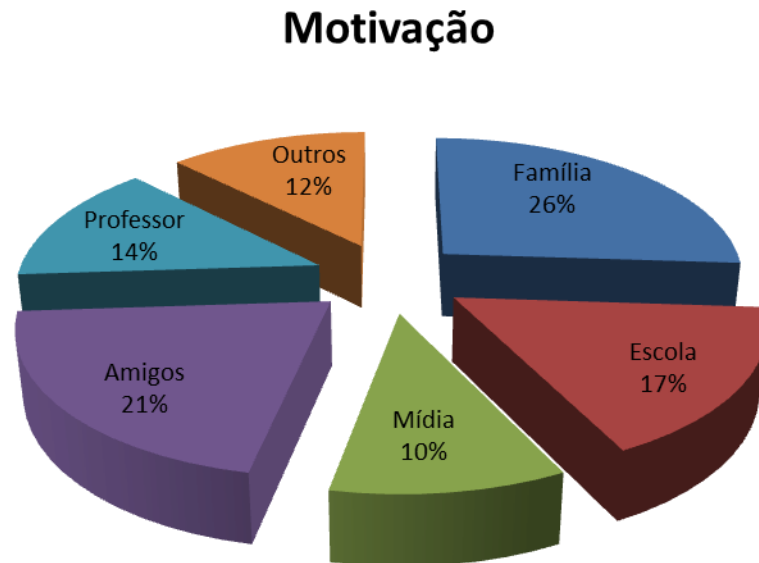
Quando perguntados se os jovens costumam conversar sobre literatura ou livros, todos afirmam que sim, tanto para pedir algum livro para os pais, como para contar sobre alguma leitura feita ou projeto que está sendo realizado na escola. João

tem uma forte relação com a irmã mais velha, por morarem na cidade para estudar. Segundo ele, os dois sempre estão conversando sobre diversos assuntos, mas afirma que o livro pauta muitas de suas conversas, pois a sua irmã, igualmente, tem interesse pela leitura. Essa relação entre os membros da família parece ser de interesse recíproco entre as partes, o que realmente demonstra que os assuntos relacionados ao livro são comumente discutidos no ambiente familiar, isto é, fazem parte da sociabilidade dos entrevistados.

Em relação ao hábito de leitura em casa, todos afirmam que já viram seus pais lendo. Os pais de Elisa e de Karina costumam ler jornal, pois, segundo elas, preferem leituras rápidas pela falta de tempo, por isso não dedicam tempo ao livro. Destaca-se também o tempo dedicado à leituras religiosas (livros espíritas, revistas de Testemunhas de Jeová e Bíblia), como nas famílias de Elisa, João e Tanara.

Os entrevistados tiveram contato muito cedo com o livro, tanto através da compra desses e gibis quanto, no caso de Karina e Elisa, das leituras de histórias feitas pelos pais quando crianças. Tanara destaca a figura do avô como alguém que lhe contava histórias e do seu encanto. João, mesmo não lembrando se os pais lhe contavam histórias, recorda das idas à livraria: “no começo eles me levavam, mas depois eu já fiquei mais independente e ia sozinho na revistaria”. Sobre receber livros de presentes, os quatro entrevistados afirmam ganhar dos amigos, parentes e pais. Em relação aos últimos, “eles dão o dinheiro” (Elisa), mas quem escolhe, na maioria das vezes, são os adolescentes.

Dessa forma, percebemos a participação dos pais dos pesquisados para o contato com os livros e o incentivo para a leitura assídua. A situação fica evidente quando João reconhece que o interesse do jovem passa, necessariamente, pela referência familiar, incentivo e acesso ao livro (“Uma base familiar, uma base de incentivo, não familiar, de incentivo. Eu acho que talvez eles não [...] os pais deles ou os amigos também não leem e eles não se interessam, acham outras atividades”). Essa forte relação dos pais na motivação ao livro e à leitura não por acaso, coincide com o universo total do estudo piloto (Gráfico 1), reforçando a grande influência da família.

Gráfico 1 – Motivação familiar para leitura

Fonte: Estudo exploratório realizado entre os meses de julho e setembro

5.2 Mediação Escola: a relação do ambiente escolar com o livro e a leitura

Em geral, os alunos pesquisados consideram a escola boa, sobretudo, pela direção “se empenhar” em manter a qualidade da Escola. Todos eles remetem à infraestrutura, quando questionados sobre a qualidade da escola, embora tenham opiniões distintas. Elisa é a única aluna que defende, em geral, que a escola está boa, pois a direção não deixa faltar professores. Para Karina, ainda que a estrutura seja precária, considera que a escola é capaz de preparar os alunos para as provas do “PS”²⁴ e o vestibular. João complementa ao mencionar o fato de que a escola já foi boa, mas que atualmente com o novo modelo de Ensino Médio, que avalia o aluno não mais por notas, mas por conceitos, acaba apenas facilitando e favorecendo a aprovação dos estudantes e os índices de avaliação da escola.

Em relação aos projetos sobre leitura desenvolvidos pela Escola, Elisa afirma não lembrar de nenhum. No entanto, Elisa, Tanara e João participam do projeto de

²⁴ Processo Seletivo Seriado do PEIES (Programa de Ingresso ao Ensino Superior) para ingresso na Universidade Federal de Santa Maria

redação, destinados aos alunos de segundo e terceiro ano, que é realizado no turno inverso das aulas como forma de preparar os alunos para o vestibular e o ENEM. Karina que não participa desse projeto, por estar no primeiro ano, relata que participa de outros projetos, mas que nenhum está voltado ao livro. Além disso, Tanara demonstra que os projetos são “coisas muito superficiais e chatas”, que a escola deveria dar mais atenção aos projetos de leitura. Ainda assim, todos compreendem que os projetos existentes são uma maneira de interação proporcionada pela Escola e reconhecem a importância. Nesse sentido, os pesquisados entendem que a mediação escola é um espaço motivador, que deveria introduzir atividades que abarcassem a leitura, o debate, o diálogo entre os alunos, ou seja, que potencialize ainda mais a troca de experiências.

A realidade da Escola apresentada pelos entrevistados merece destaque pelo fato de que a situação pode ser um reflexo do sistema educacional brasileiro e da falta de investimentos em educação. Tal opinião demonstra uma postura crítica dos jovens, provavelmente, consequência das discussões cotidianas feitas em casa e do incentivo ao estudo que recebem dos pais, ou seja, da sociabilidade através da mediação família, o que demonstra o quanto refletem sobre o ambiente escolar, no qual estão inseridos, e se preocupam com a realidade.

A necessidade de haver mais projetos que envolvam o livro, conforme apontam os entrevistados, é reiterada quando os adolescentes comentam que os livros que marcaram sua trajetória na escola estão relacionados aos trabalhos realizados e as experiências compartilhadas com os colegas no espaço escolar. Esse é um aspecto relevante diante da situação atual dos jovens no Brasil, que imersos em um mundo de novas tecnologias e de relações via redes sociais digitais, encontram na escola, enquanto instituição educacional, um lugar em potencial para promover ainda mais atividades que fomentem a leitura, gere aproximação com os livros e sirva de ambiente socialização para os jovens.

[...] sempre tem alguma oportunidade de fazer um trabalho de tema livre. E eu sempre escolhia livros ou leitura [...]. A professora me elogiou bastante, porque eu consegui fazer assim, o que ela queria que a gente fizesse.. Por exemplo, eu fiz com português.. Eu fiz os neologismos presente no livro. Com inglês eu fiz a sinopse oficial do livro, em inglês. *Áã.* Com artes eu peguei a.. o trailer, a adaptação cinematográfica e tudo, que cinema também é arte, sétima arte, essas coisas.. *ãã.* com literatura eu peguei o gênero, que é um romance de aventura, que *tá* dentro do gênero narrativo[...].Eu sempre, nesses trabalhos, eu tento trazer o que de melhor tem nos livros pra eles.. pra chamar atenção deles, pra ver se eles gostam.. Eu consegui até, alguns.. começaram a ler depois que eu apresentei os trabalhos.. Então eu fiquei orgulhoso disso (JOÃO).

Os alunos demonstram interesse em conhecer novos leitores, eles sentem falta dessa oportunidade que pode ser conferida pela escola, portanto veem nos projetos grandes aliados para o fomento da leitura na escola, proporcionando novas práticas e estabelecendo novas relações com o livro. A relação do livro na escola é importante também por proporcionar que os alunos troquem ideias sobre suas leituras. Desde a aplicação do estudo exploratório, os alunos afirmam que conversam sobre livros com os amigos, mesmo não sendo da escola, mas que sentem falta de um espaço que contemple essa prática no âmbito escolar. Isso revela que a Escola, como mediação fundamental na formação desses sujeitos, ainda tem muito a fazer para cumprir a plenitude do seu papel.

Por estarem na fase da adolescência, os alunos tem um “grande desejo de serem ouvidos, reconhecidos; um grande desejo de troca e de encontros personalizados” (PETIT, 2008, p.58). Tal anseio fica evidente, quando ressaltam a importância dos projetos por serem “gratificantes” (Karina) e por se sentirem “orgulhosos” (João) por proporcionar aos colegas e amigos novas experiências. Assim, percebe-se que, é através da visibilidade adquirida e valorização que eles se reconhecem como sujeitos de responsabilidades no espaço escolar. João afirma que já realizou inúmeros trabalhos de sala de aula com atividades voltadas ao livro e a leitura, o que considera importantes tanto individual como coletivamente. Ou seja, através da fala do pesquisado verificamos o livro como uma ferramenta que propulsiona o conhecimento e possibilita novas visões de mundo, isto é, constrói cotidianamente a sociabilidade dos sujeitos.

Ainda sobre a Escola mediando a relação dos jovens com o livro, Elisa aponta que a biblioteca seria um espaço para ser explorado ainda mais. A adolescente acredita que faltam incentivos e exemplifica sugerindo que na biblioteca poderia haver debates e outras atividades, pra que assim fosse melhor aproveitada pela escola e alunos. João vê a relação da escola com o livro muito centrada em determinados professores, o que coincide com aqueles relacionados as disciplinas de língua portuguesa e literatura, portanto, não sendo explorado por outras áreas. Além disso, expõe que a escola deveria proporcionar aos alunos, inclusive, entre as séries distintas, momentos de integração e troca de conhecimento sobre livros.

[...] eu poderia conhecer. Eu não conheço praticamente ninguém [...] eu não sei se tem algum outro leitor como eu [...] eu não sei se tem aqui na escola, porque não tem uma oportunidade de conhecer (JOÃO).

Para Karina, a escola tem tentado fazer ações que promovam a relação com o livro e relata o caso de um projeto que participa em que produziram um livro junto da família. Nesse caso, destaca que os envolvidos, inclusive, saíram da Escola para divulgar os seus trabalhos, através de entrevistas em rádios e na TV. A entrevistada acredita que a divulgação de projetos para a sociedade já é um indício de uma boa relação com o livro. Aqui, destacamos a importância que tal produto, o livro, recebe na sociabilidade desses jovens, inclusive, sendo um fator motivacional para o envolvimento e o interesse dos alunos.

Entretanto, percebemos, que como outros entrevistados já comentaram, essas atividades ficam centradas em uma única professora, que envolve os alunos em atividades voltadas à leitura. Com isso, as atividades ficam restritas as disciplinas dessa professora do primeiro ano do Ensino Médio, sendo que a Escola não se apropria disso para abarcar um número maior de estudantes e, assim, tornando-se um apoio efetivo nas práticas diárias de aprendizagem e desenvolvimento educacional.

Os quatro entrevistados, por mais que acreditem nessa relação, apontam que atualmente a escola não tem uma relação de muito envolvimento com o livro, que não seja a do espaço da biblioteca e alguns projetos específicos, tornando ainda superficial as propostas de estímulo à leitura. Os alunos observam que os professores, principalmente de literatura, são os que mais instigam a leitura. Comentam ainda que sentem falta de atividades voltadas especificamente para o livro. Ao mesmo tempo, salientam que não querem nada que seja forçado, esperam algo que envolva todos os alunos, como debates e discussões sobre leitura e determinados livros.

Precisamos entender que, a falta de atividades e novas alternativas de aprendizado, que instiguem os adolescentes, mesmo com tantas possibilidades tecnológicas, seja consequência da própria falta de habilidade dos professores. Isso pode ser associado, inclusive, resultado da formação dada, ainda hoje, nas Instituições de Ensino Superior para os professores. Então, a falta de didáticas mais dinâmicas e que atraiam a atenção e instiguem a participação dos alunos, talvez, ainda seja resultante da impotência da escola em transformar essa situação sozinha, sem apoio e incentivos.

Como visto na teoria, o professor tem papel fundamental no estímulo à leitura e ao uso do livro no cotidiano dos adolescentes. Isso pode ser constatado quando os entrevistados retomam vários projetos relacionados ao livro, considerando-os

importantes para o incentivo à leitura. Portanto, não por acaso, o papel dos professores está em “construir pontes” (PETIT, 2008, p.174) para que os alunos tenham oportunidades no espaço escolar de experiências que proporcionem o contato com o livro, da sala de aula até atividades extracurriculares, sendo não somente uma fonte de informação e conhecimento como também um recurso midiático e dinâmico para a didática de aprendizagem.

Ao avaliarem o desempenho dos professores da Escola, os quatro entrevistados salientam que cada professor tem suas exigências e maneiras de ensinar. Mesmo assim, concordam que eles precisam de mais autoridade e que, as vezes, as aulas ficam com muita “baderna” por conta que os professores não têm controle sob a turma. Comentam ainda que alguns professores não gostam de chamar a atenção ou gritar com os alunos, o que gere desordem em sala de aula, inclusive, prejudicando o andamento das aulas. João expõe que quando estava no primeiro ano os professores eram mais rígidos, o que proporcionava aulas mais participativas. Agora, no terceiro ano, ele acredita que, pelo fato dos alunos estarem preocupados com a saída do Ensino Médio, estão mais agitados e ansiosos pela saída da escola, o que acaba com que os professores não os exijam tanto. Esse perfil apontado por João reflete o que encontramos na teoria, dessa ansiedade e preocupação com a sua liberdade, quando estão em uma fase de transição de responsabilidades, quando precisam decidir o rumo que irão tomar a partir desse momento, tornando-se mais agitados e inconstantes.

Uma professora comenta que esses estímulos dependem muito de projetos voltados à leitura, e salienta que são poucos os professores que se interessam em planejar e articular novas perspectivas a suas disciplinas, para que abarquem de maneira eficaz o livro e a leitura. E essa situação pode ser entendida como algo que não está sendo trabalhado em conjunto na escola, por não estarem engajados a esse ideal de propagação da leitura, não articulando esse interesse ao trabalho pedagógico conjunto em todas as disciplinas, faltando engajamento coletivo, tanto de alunos como de professores.

Esse fator também é interessante do ponto de vista de entender se a responsabilidade de tornar a aula atrativa cabe apenas à escola e aos professores. Nesse sentido, acreditamos ser necessário fazer um contraponto levando em consideração o fato de que por mais que os professores apresentem novas alternativas de ensino/aprendizagem, os alunos também precisam estar atentos às novas oportunidades, assim, colaborando com as aulas. Em conversa com uma das

professoras, ainda no estudo exploratório dessa pesquisa, ela salienta que há grande falta de interesse e dedicação dos estudantes, portanto, caberia a eles também rever os seus deveres. Além disso, destaca a tendência de que os pais estão transferindo a responsabilidade da educação dos seus filhos unicamente para a Escola.

Segundo os pesquisados, alguns professores, não estão preparados para a aula e que não buscam outros meios de transmissão do conhecimento. Os jovens sentem falta da inserção de novas ferramentas em sala de aula, inclusive, o conteúdo midiático, para que se aproxime das práticas usuais dos alunos, tornando a aula mais atrativa e envolvente. Os adolescentes afirmam que aqueles professores que se preocupam em despertar o interesse através de novas alternativas dentro de sala de aula, acabam marcando a passagem desses jovens pela escola. Eles expressam ficar contentes quando conseguem entender o conteúdo, explicar para outras pessoas e saber conversar sobre esses assuntos.

João, Elisa e Tanara declaram que são incentivados pelos professores, mas que principalmente pelas professoras de literatura, por darem maior ênfase aos livros e pela relação da matéria. Eles mencionam dos trabalhos realizados e fala dos professores de que a leitura é importante, independente do tipo do gosto, e que isso deve fazer parte da vida dos jovens, sendo assim um estímulo à leitura a partir daquilo que é de interesse de cada um “[...] ela diz que a gente tem que gosta do que lê. Então, se a pessoa gosta de futebol, que ela leia sobre futebol, mas que leia. Então ela incentiva bastante”(João).

Isso eu acho que é bem legal, porque eles sempre incentivam a gente a ler assim, não só os livros do colégio, mas os outros livros. Eles destacam como é importante a gente se interessar por outras coisas [...] de que crie mais conhecimento, mesmo não sendo sobre matéria da aula (ELISA).

Dentre os entrevistados, Tanara entende que esses incentivos ainda são insuficientes, que não vão a fundo na questão. Para a estudante os professores apenas falam “ah, vocês leiam e tal”, mas acabam não aprofundando as questões nas disciplinas por meio do uso do livro. Com isso, cabe destacar que de fato não são todos os professores que articulam a literatura aos conteúdos, assim, por vezes, não despertando o sentimento de interesse que vá além da sala de aula e do conteúdo programático. É essa falta de articulação que talvez influencie toda uma situação ainda maior, a falta de diálogo entre as disciplinas e interesse em formar alunos leitores para além do espaço escolar.

A partir do entendimento dos próprios adolescentes pesquisados, e reiterado por diversos autores Rosing (2012); Petit (2008) e Failla (2012), o professor, independente da disciplina, deve envolver o aluno ao passar o conteúdo, para isso é fundamental que utilize procedimentos adequados e que desperte a atenção do estudante. Isso se reflete diretamente na relação que possuem com as disciplinas, um dos entrevistados relata “se apaixonar”, por conta dos professores despertarem seu interesse, outras apontam descontentamento devido ao modo como alguns professores conduzem as aulas. Tal comportamento dos informantes da pesquisa reforça a importância que os professores têm na formação dos sujeitos, enquanto partes da mediação escola.

Quando perguntamos se lembram de livros que foram utilizados para algum trabalho, todos recordam de alguma história específica, que os tenha marcado. Isso demonstra como esse tipo de atividade, em sala de aula, provoca os alunos a discutirem, apresentarem novas visões, trocar experiências, assim proporcionando um ambiente fértil para a crítica e a construção do conhecimento nesses casos, os alunos têm a chance de demonstrar seus interesses e habilidades.

[...] agora, por incrível que pareça, na aula de história a gente tá fazendo um júri e eu sou a promotora do júri. Então, assim, cada vez me motiva mais *pras* coisas que eu quero (KARINA).

Por fim, os apontamentos dos alunos reforçam o que Silva (2012, p.110-111) ressalta, de que “o professor sempre foi e sempre será um mediador privilegiado de leitura, cabendo principalmente a ele a iniciação das crianças à leitura através da alfabetização e o ensino das diferentes práticas.” Dessa forma, é o professor um dos grandes responsáveis por instigar as habilidades dos alunos e desenvolver também o gosto pela leitura, que em muitos casos já é iniciado na família, e fazer com que isso seja prazeroso, fomentando práticas leitoras em sala de aula e no cotidiano.

5.3 Práticas de acesso ao livro e à leitura

Tanara e Karina afirmam ter a carteirinha da biblioteca pública, Tanara prefere a municipal que a da escola, por “ter mais silêncio e ser maior”. Atualmente, elas

frequentam menos por falta de tempo. Elisa e João não mencionam ter carteirinha ou ir até a biblioteca pública.

Para Karina há muita burocracia para retirada de livros, por isso, prefere comprar do que “fazer tudo isso”. A burocracia a qual ela se refere é a da carteirinha e documentos necessários para renovar o cadastro todo ano. Tanara reclama do valor da taxa cobrada pela biblioteca, que hoje custa quinze reais. Entretanto, acha fácil o acesso, acredita que qualquer pessoa pode usufruir da biblioteca e que isso é importante por dar oportunidade de leitura para quem quer buscar conhecimento. Ela ainda comenta que a condição econômica não influencia a ter acesso ao livro, pois ela diz que sempre frequentou a biblioteca, principalmente, quando não assinava revistas ou jornais em casa. Por isso, a jovem entende que todos podem entrar na biblioteca pública e ter acesso aos livros ou também pela internet, pois hoje a Biblioteca Municipal disponibiliza computadores com acesso à rede.

Outro espaço mencionado por Tanara é a biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria. Segundo ela, quando todos os livros do vestibular estavam retirados na biblioteca pública, tinha acesso aos livros através da sua irmã, que retirava-os na biblioteca da universidade.

No primeiro contato com a biblioteca da Escola conhecemos todo o espaço destinado aos livros por intermédio da bibliotecária. Assim, podemos identificar que a escola tem uma forte relação com os livros. Mesmo com um espaço físico restrito, a biblioteca conta com um acervo organizado e distribuído de maneira que fique acessível aos alunos.

A divisão dos livros é feita por temáticas, como “literatura brasileira” e “literatura estrangeira”, e também por autores com maior número de exemplares no acervo, que é o caso daqueles voltados ao vestibular. Além disso, há separação dos livros de poesias em uma prateleira localizada perto das revistas e jornais. Segundo a bibliotecária, tudo pensado com o intuito de facilitar o acesso e a leitura rápida no intervalo, bem como é utilizado um sistema de cores nas temáticas para igualmente facilitar a identificação das obras pelos alunos.

A biblioteca também tem um espaço destinado à leitura de jornais e revista, sendo os primeiros adquiridos com verba da escola. Nos momentos de recreio alguns alunos aproveitam a biblioteca para leitura e para a consulta do acervo e das revistas.

Todo início de ano a biblioteca cobra uma pequena taxa dos estudantes interessados em usufruir do acervo. Com o dinheiro arrecadado pelo cadastro e o

proveniente de multas por atrasos de devolução, eles mantem o acervo atualizado. Os livros adquiridos são tanto por indicação dos alunos como pelos que “estão mais em alta na mídia”, conforme fala da bibliotecária. Além disso, a escola conta também com um acervo de livros didáticos, disponibilizado pelo Governo todo ano. Os responsáveis pelo controle de entrega desses livros são os bibliotecários, que tem um controle rígido com esse acervo. Para esses livros, existe uma sala exclusiva para armazenamento, chamada de a sala do “Banco de Livros”.

O controle do acervo é feito através de três livros de registro: - um para o controle de presença na biblioteca, no qual os alunos, independente se retiram livros ou não, precisam assinar e especificar qual atividade estavam realizando na biblioteca: leitura, visita, trabalho, entre outros; - outro de retirada, pelo qual controlam a retirada e a devolução dos livros da biblioteca; e, ainda, de caráter informativo, que proíbe que os alunos entrem com lanches ou bebidas na Biblioteca, bem como que devem sempre manter o espaço organizado.

O movimento observado na biblioteca consiste em retiradas de livros para trabalhos em sala de aula, dicionários e didáticos. Esses são muitas vezes solicitados pelos professores aos bibliotecários ou os próprios estudantes retiram durante a aula. Também observamos que alguns alunos realizam trabalhos durante os turnos inversos. Mesmo com baixa frequência, eles continuam aproveitando o espaço da biblioteca para esse fim. Durante o recreio alguns alunos aproveitam para estudar para trabalhos e provas, outros retiram e consultam o acervo, especialmente livros de literatura. Dentre os que retiram livros, é escasso o número de adolescentes que aproveitam o espaço da biblioteca para leitura. Percebemos que eram sempre as mesmas pessoas, por exemplo, que dedicavam o tempo do recreio para ler.

Ainda na biblioteca, verificamos que os alunos novos, recém chegados a escola, procuravam a bibliotecária para a retirada dos livros do governo, que ficam em uma sala separada. Alguns conhecem a biblioteca somente a partir desse momento, por ser algo exigido pela escola, principalmente pelos professores que utilizam o material em sala de aula.

A bibliotecária salienta que o movimento já foi maior, quando os alunos não recebiam tantos livros do governo e quando a internet e os computadores não estavam disponíveis de maneira tão intensa. Sem esses recursos, os alunos buscavam na biblioteca os meios para realização de suas pesquisas, usufruindo muito mais do acervo. Para ela, a internet é um dos fatores para o baixo movimento,

pois com as mudanças tecnológicas e com o acesso facilitado à internet e ao computador, os alunos preferem realizar pesquisas em casa, de uma maneira mais fácil e rápida.

Além da organização das estantes, a bibliotecária mostrou como funciona a parte administrativa do acervo. Ela comenta que há um tempo eles tinham o acervo digitalizado, controlado através de código de barras, mas que acabou sendo deixado de lado por uma desatualização do sistema e dos funcionários. Mesmo assim, o controle foi sendo feito através de cadernos de assinaturas.

Entretanto, comenta que depois de participar de uma capacitação disponibilizada pelo Governo, tiveram contato com um novo software destinado a digitalização dos livros para adotarem na escola. Por ser um processo que requer o preenchimento manual de várias características dos livros, os bibliotecários estão ainda em fase de catalogação do acervo. Por enquanto, o controle continua sendo feito nos cadernos, pelos quais foram consultadas algumas informações para a presente pesquisa.

Os alunos comentam que a biblioteca é a mais organizada da região, mencionam que no antigo colégio, no qual estudavam para retirar algum livro o aluno não podia entrar na biblioteca, tinha que levar o título e o autor e a pessoa responsável alcançaria o livro. Isso indica o quão a biblioteca é acessível a todos os alunos da escola.

Um dado importante que podemos ressaltar é quando Tanara lembra de quando costumava fazer carteirinha nas bibliotecas das escolas antigas e relata que em uma das suas antigas escolas “devorou os livros de lá”. Também aponta que foi nesses espaços que descobriu e se apaixonou por poesia e Carlos Drummond de Andrade. “E daí eu disse assim, Carlos Drummond é bom, vamos lá, daí eu comecei a ler e tipo, muito... daí eu me apaixonei assim”, (Tanara). A apropriação e gosto de Tanara por autores que “não estão na mídia”, por exemplo, os *Best Sellers*, demonstra o quão é forte o seu interesse pelo livro e a leitura.

A situação relatada pela estudante também demonstra como o contato com o livro e a relação da biblioteca nas escolas pode ser um estímulo e responsável pelo desenvolvimento do gosto pelos livros. Entretanto, não basta que existam bibliotecas escolares com bons acervos, é preciso que isso esteja relacionado a toda pedagogia da escola, que direcione tais espaços para a troca de experiências, incentivando o uso desses ambientes para partilhar vivências relacionadas à leitura. Se a escola

promove e mantém um local para práticas leitoras na escola, isso proporcionará novas experiências aos alunos.

Dos quatro entrevistados, apenas Elisa retira com frequência livros na biblioteca da escola, por mais que todos concordem que a biblioteca seja boa, com bastante livros, existem outras maneiras que eles preferem ter contato com o livro, como pela internet, na biblioteca pública ou em livrarias. João comenta que retirava mais quando estava no primeiro ano, mas que esse ano somente foi a biblioteca para retirar as leituras obrigatórias (“Mas no primeiro ano, que eu não conhecia bem, então eu vim saber como que funcionava aqui... aí eu peguei bastante livros estrangeiros”). Tanara, leitora assídua, afirma: “Eu prefiro lá (biblioteca pública) porque é bem maior, daí eu gosto de ir lá mais pra ler, porque, por exemplo, aí, *vamo* mata um tempo [...] eu vou lá e subo lá em cima e é silêncio assim”. O fato de preferir o silêncio e a concentração revela o quanto a entrevistada se mostra envolvida com o mundo da leitura e os livros.

Sobre o acesso à biblioteca da escola, todos afirmam que é fácil. Entretanto, João afirma ser “fácil até de mais”, por sentir falta de mais atenção aos livros didáticos, já que na biblioteca eles se localizam em um espaço de fácil acesso perto das mesas de estudo, o que pode acarretar no extravio de exemplares, quando os alunos realizam trabalhos com os livros e não colocam de volta no lugar.

Às vezes alguém vem, pega um livro ali que esquece [...] Esses livros aqui (aponta para a prateleira de livros didáticos) são os que [...] dos anos assim. Aí a pessoa vai, esquece o livro e pega... devolve, as vezes, eles não veem e tudo (JOÃO)

Portanto, podemos identificar a falta de ações da própria escola, voltadas para o espaço da biblioteca, não só na renovação do acervo, como também em atividades que façam com que todos os alunos reconheçam esse espaço como seu e como um lugar que pode ser utilizado para trocas de conhecimento. E isso se confirma pela fala dos entrevistados, que sentem falta dessas atividades diversificadas que envolvam a leitura.

Eu sou bem amigos do seu Valdir, que é o que fica mais tempo aqui, mas... tirando os livros, não tem nada. Tem até uns livros em CD ali, que eu até já ouvi falar, mas nunca tive interesse em pegar na biblioteca (JOÃO).

Outro ponto é que Elisa, a única que frequenta mais esse espaço, observa a falta de movimento, mesmo sendo um quesito bom para ela frequentar, pelo silêncio e pelo acesso facilitado, isso indica que poucos são os alunos que vão até a biblioteca. Ainda assim, ela percebe que é um local que precisa ser apropriado e

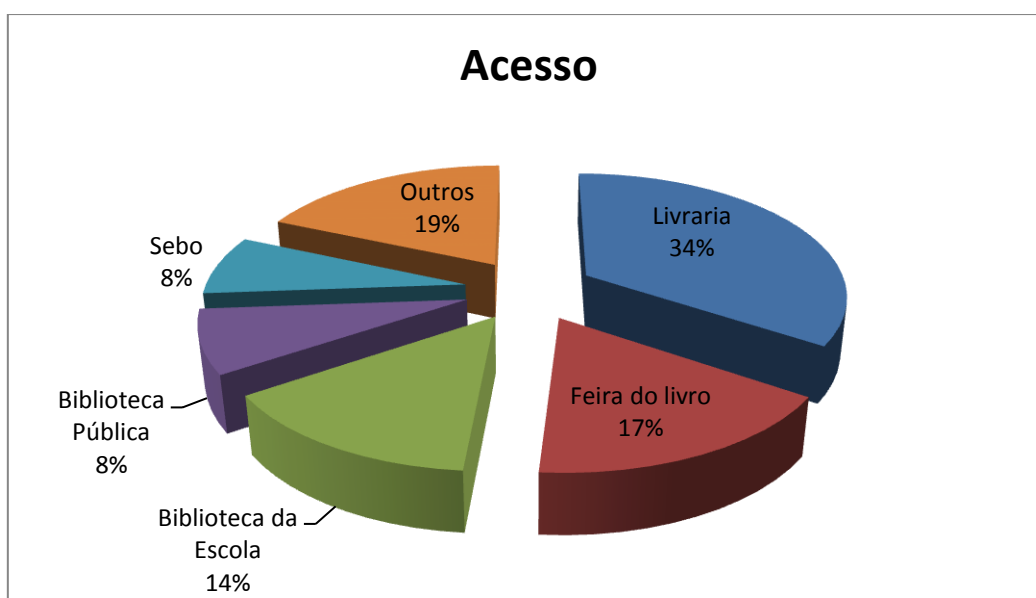
melhor utilizado pelos alunos, ou seja, reconhece a importância da socialização através dos livros e da leitura.

Portanto, a afinidade dos entrevistados com o livro pode ser consequência tanto do contato involuntário quanto pelo contato desde cedo no ambiente familiar. No primeiro, pela forte presença da mídia no cotidiano dos jovens, sobretudo, com as plataformas digitais onde a informação e as opções ficaram mais acessíveis, sendo o jovem quem escolhe o percurso pelo qual quer percorrer, tendo inúmeras possibilidades e descobertas no cenário do livro. Já, no segundo, através de histórias contadas pelos pais ou familiares e pelos livros infantis que eram comprados, bem como pelo próprio envolvimento dos pais com a leitura.

Dessa forma, o contato e o interesse pelo o livro nos mostra a importância da materialidade do objeto para os adolescentes, do querer aprofundar a história pela qual se interessam, pelo desejo em ter o livro tanto para obter mais conhecimento, como pelas sensações que o livro proporciona, como poderem viajar para diferentes lugares sem sair do próprio quarto.

Outra forma de os adolescentes terem contato com o livro é através das livrarias. Na pesquisa exploratória, realizada ainda no início do estudo, percebemos que a livraria é citada por 34% dos respondentes e é reiterada pela nossa amostra como um dos principais pontos de acesso aos livros.

Gráfico 2 – Meios pelos quais os adolescentes tem acesso ao livro



Fonte: Estudo exploratório realizado entre os meses de julho e setembro

A porcentagem pode ser confrontada com o que detectamos em conversas informais realizadas com donos de duas das mais frequentadas livrarias de Santa Maria, que apontam o aumento expressivo na presença de jovens nesses ambientes. Os proprietários observam que os jovens passaram a frequentar mais a livraria e que o interesse pelo livro, talvez, tenha aumentado “com a criação do *Harry Potter*”.

A livraria mais citada pelos entrevistados é a “Athena” devido ao ambiente moderno e novo na cidade “encantadora, na decoração”, (Tanara). Karina e João citam a “Cesma²⁵” e “da Mente²⁶”, mas também preferem a Athena pelo espaço que alia livraria, papelaria e um café. Embora Elisa e Tanara alegarem não comprar em livrarias pelo custo ser maior, ambas frequentam para “dar uma olhada com os amigos” (Karina) ou para pesquisar. Elisa assume que quando vai para o centro, onde ficam as livrarias, ela prefere ir para outras lojas, de roupas, por exemplo, do que ir até as livrarias, pois acha o preço muito alto e por esse motivo prefere pegar emprestado. Tanara prefere pesquisar e comprar pela internet e em sebos, pois considera os preços mais acessíveis e devido às promoções. Já João afirma que adquire os seus livros tanto em livrarias como pela internet, que vai pesquisando e avaliando qual a melhor opção, tendo em vista de sua própria condição econômica que lhe dá mais opções para o consumo.

Eu tô acostumada com preço de internet, então o preço da internet é muito mais barato, então, tipo, pra mim, tem que ser preço da internet sabe? Ah, às vezes, eu olho assim, vou em alguma loja física, e eu olho assim, nossa esse negócio tá muito caro, e na internet eu compro a mesma coisa por tanto, sabe? Daí, às vezes, loja física eu não gosto muito, por ser mais cara (TANARA).

De modo geral, todos os entrevistados acham caro os livros vendidos em livrarias e buscam alternativas para o acesso. Na maioria das vezes, recorrem às compras via internet, pelos preços e as formas de pagamento serem facilitadas, bem como por poderem escolher os livros do seu interesse que, segundo eles, estão mais restrito em livrarias físicas.

A compra do livro depende muito da condição econômica dos entrevistados, isto é, as questões de classe, embora não tratadas nesse estudo, aparecem como mediadores fundamentais na relação com o acesso e o consumo do livro. Vimos que eles têm certa liberdade de compra, mas os pais estão sempre atentos aos seus

²⁵ CESMA – Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria Ltda, fundada em 1978

²⁶ Livraria da Mente é uma das mais tradicionais da cidade, localizada no centro de Santa Maria, no calçadão da cidade com uma localização privilegiada.

interesses. Aqueles que recebem mesada direcionam uma parte do dinheiro para a compra de livros, sendo possível por terem essa oportunidade, quando os pais lhes dão o dinheiro para que escolham e decidam no que gastar. Isso não indica que quem não tem essa oportunidade não tenha leituras frequentes, como parece ser o caso de Elisa, que prefere buscar os livros na biblioteca ou pegar emprestado de amigos e colegas.

Os sites mais citados pelos entrevistados, onde costumam adquirir os livros são: “Submarino²⁷”, “Ponto Frio²⁸”, “Editora Saraiva²⁹” e “Extra³⁰”. Para os jovens, a principal vantagem da compra na internet está relacionada à possibilidade de se comparar os preços aos das lojas físicas, mas afirmam que na internet sempre conseguem o preço mais acessível. Tanara, por exemplo, relata saber qual é o melhor horário para realizar as suas compras, ou seja, os períodos que as lojas online oferecem descontos.

Tem que comprar de madrugada. De madrugada, geralmente, eles colocam, tipo, um dos livros eles baixam lá embaixo. Daí se tu compra [...] geralmente, eu faço compra de madrugada, porque daí eles fazem oferta.
(TANARA)

Um ponto interessante na relação da entrevistada com a compra via internet, é de que ela comenta que seus pais também possuem esse costume e explica que em sua casa eles já compraram até pela televisão e celular e, hoje, preferem realizar tudo pela internet “Meu pai sempre começou, ele começava a comprar pelo telefone, tipo, anunciava na TV ele ia lá e ligava e vinha pelo correio sabe” (Tanara). Isso demonstra a autonomia de compra da entrevistada, sendo que inicialmente era uma prática dos pais.

Sendo assim, por mais que eles frequentem as livrarias físicas e compram livros nesses locais, a internet contribui muito para o acesso ao livro, pois facilita a procura de gostos mais específicos. E, mesmo que o acesso a sites específicos de livro se restrinjam a sites de venda, os entrevistados acompanham páginas voltadas aos livros e à leitura em suas páginas no *facebook*.

²⁷ Site de comércio eletrônico. Disponível em: <<http://www.submarino.com.br>> Acessado em: 15 de nov de 2014.

²⁸ Empresa varejista de comércio eletrônico. Disponível em: <<http://www.pontofrio.com.br>> Acessado em: 15 de nov de 2014.

²⁹ Site da livrara Saraiva especializado na venda de livros, CDs e DVDs, eletrônicos, informática, games, softwares, revistas e produtos de papelaria. Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br>> Acessado em: 15 de nov de 2014.

³⁰ Site de comércio da rede Extra de produtos. Disponível em: <<http://www.familiaextra.com.br/familia-extra/home.htm>> Acessado em: 15 de nov de 2014.

Por mais que haja um contato mais expressivo com páginas e sites de compras na internet, percebemos que alguns dos pesquisados tiveram contato desde cedo com livrarias, influenciados inicialmente pelos pais e a escola e, mais tarde, pela mídia e amigos, através de conversas e comentários cotidianos e na troca de experiências de produtos midiáticos, entre eles, o próprio livro. A partir dessas conversas, os jovens se sentem estimulados a frequentarem o ambiente da livraria com amigos e colegas para consulta de livros, compra de presentes, entre outras práticas socializadoras “Fui porque parece que dá mais gosto [...] porque a gente acaba discutindo mais. Então, a gente primeiro conversa dentro da livraria, pra depois comprar o livro” (Karina).

Identificamos também, que mesmo que a internet distancie, de certa forma, a experiência da escolha nas livrarias físicas, ela pode contribuir a partir das inúmeras possibilidades de busca e acesso dada aos usuários. Por exemplo, Tanara, que tem o perfil leitor mais avançado em relação a todos, por desde cedo ter contato com livros e por ter pais leitores, conheceu seus livros favoritos pela internet e, inclusive, comenta que passou a se interessar e conhecer outros livros do mesmo autor que ajudaram a proporcionar essa relação. Isso também ocorre em relação aos filmes, quando os jovens relatam que por já terem ouvido falar ou mesmo assistido, isso pode chamar a atenção para leitura, para conhecer melhor a história.

Então, podemos entender que a “imagem e impresso não se impõem, na realidade, não se opõem” (PETIT, 2008, p.99), pois, muitas vezes, os adolescentes comentam que a partir do filme ou do livro são instigados a ler ou a assistir o filme de acordo com o que estão lendo ou assistindo no momento. Ou seja, o filme pode incentivar a leitura do livro e o contrário também, existindo assim, a correlação entre as mídias que proporcionam sensações diferentes.

Quando questionados sobre a ida e o interesse pelo cinema, Tanara, João e Elisa afirmam frequentar. Karina não gosta de ir ao cinema por considerar que o filme não é tão bom quanto o livro, também não lembra de ter visto alguma adaptação, prefere assistir os filmes em casa e na TV. Isso em função das temporalidade diferente da ritualidade do livro e do filme, pois o livro ela pode ler a qualquer hora, não precisa depender de ir ao cinema ou locar. Tanara costuma ir ao cinema, inclusive, conta ter lido livros e depois procurou ver os filmes. Ainda assim, assume que prefere o livro (“Mil vezes o livro [...] eu fiquei muito indignada, quando eu li ‘Um amor pra recordar’ e depois fui assistir [...] tô indignada ainda, a indignação que eu vou levar *pro* resto da minha vida”).

Ainda sobre a questão, João declara gostar muito de adaptações, mas salienta que existem várias que não são boas e que acaba não gostando do modo como a história foi abordada. Comenta ainda que algumas adaptações são fora do contexto da história e parece que “quem fez o roteiro não tá nem aí.” Além disso, expõe que costuma ver filmes e depois se interessar pelo livro. Entretanto, prefere o livro, mas salienta que o filme seria mais para se emocionar, por ter todas as ferramentas que instigam com a trilha sonora, imagens que chamam atenção e provocam emoções.

O relato feito por João é interessante pelo fato de que a indústria do audiovisual, embora muito atrativa, não proporciona a mesma profundidade do impresso. Isso mostra como a materialidade do livro ainda está presente na vida dos adolescentes, inclusive, sendo objetos importantes para a pose e a interação entre eles, o que, inclusive, desmistifica a ideia de uma possível extinção dos livros impressos, muito comentada na era digital.

5.4 Consumo: usos e apropriações do livro

Todos os entrevistados concordam que a leitura é muito importante para o crescimento dos indivíduos, tanto para aumentar o vocabulário e melhorar a escrita quanto para conhecer novos lugares através das histórias contidas nos livros. Dessa forma, isso evidencia a apropriação do livro feita pelos adolescentes ao incorporar o conteúdo do discurso midiático nas suas práticas cotidianas. Tanara acrescenta que por meio da leitura se pode mudar o ideal das pessoas, pois as histórias estão ligadas aos momentos do seu cotidiano, isto é, com a realidade vivida (“faz a pessoa abrir a cabeça pra um novo mundo”). Por exemplo, quando trata do assunto religião:

Ela praticamente muda todo teu ideal, porque, pelo menos pra mim mudou. Sei lá, tipo, ela foi fundamental pra mim, eu não vejo um dia assim que eu não lembre de alguma coisa que aconteceu e eu lembre de algum autor [...] E, assim, eu fico pensando “porque as pessoas não leem?” *tipo*, as vezes as pessoas tem um horror de livro em casa e não *lê*, eu fico pensando: “o que que elas tem na cabeça sabe” (TANARA).

A importância dada ao livro é evidente quando os quatro entrevistados afirmam, inclusive, guardar os seus livros no quarto, em um espaço separado dos demais da casa. O fato demonstra um forte apego e sentimento de posse,

estabelecido a partir de um valor afetivo com o objeto. Portanto, isso revela o cuidado e o apreço que esse produto midiático tem na vida desses adolescentes, o que pode ser visualizado na fala de Tanara quando afirma:

Eu sou assim *muuuuito* maníaca, tipo, eu tô lendo o livro ele [...] tipo assim, eu desembalei, tem toda uma cerimônia. Desembalei o livro assim, olhei assim, tá [...] ele tem que ficar assim até o final da leitura. Coisa que mais me irrita é pegar um livro, principalmente da biblioteca, e ele tá com orelha e tá dobrado [...] alguma coisa marcado, tá sujo [...] ai, tenho um trauma com isso (TANARA).

Os entrevistados dedicam todos os dias algumas horas à leitura. Karina prefere ler durante a noite, antes de dormir, e durante o dia, quando tem tempo livre, prefere “dar uma olhada no jornal”. Elisa costuma ler todas as noites, no quarto, por ter mais silêncio e ser tranquilo. Também aproveita o ônibus para ler, diz que sempre tem um “tempinho de ida e volta que dá pra ler várias páginas” e, por isso, costuma sempre carregar um livro consigo. Tanara também tem o costume de carregar livro na bolsa, lê no ônibus e sempre que tem algum “momento de tédio”. Já João diz que, atualmente, a frequência de leitura diminuiu um pouco, por estar focando nas leituras para o vestibular, mas salienta que, geralmente, quando lê os seus livros favoritos diz que o faz umas duas horas por dia, sendo antes de dormir e depois do almoço e diz ler em qualquer lugar, no quarto, na sala e até no banheiro.

De modo geral, a fala dos pesquisados demonstra a inserção do livro no cotidiano dos adolescentes, como um objeto que acompanha as rotinas e compoando uma série de ritualidades cotidianas. De forma quase que natural, o livro aparece como um companheiro quando as entrevistadas assumem leva-lo sempre na bolsa.

Às vezes, assim [...] esses dias de madrugada, o capítulo tinha umas trinta páginas, eu olhei assim, “ah, eu vou ler até a próxima florzinha”. Ai, “ah, tá muito legal, vou ler até a próxima”. No fim, eu acabei o capítulo, fiquei horas e horas lendo [...] fui dormir quatro horas da manhã e tinha que acordar as seis. Já teve vezes, assim, de eu me inspirar muito e for dormir, tipo, cinco horas da manhã e acordar as seis. (TANARA)

De modo explícito, na fala da Tanara, identificamos como o livro é um produto que prende e envolve a jovem, portanto, fica claro também que a leitura não é feita por obrigação, mas pelo gosto efetivo pela leitura. Tal interesse reforça a apropriação e o uso do produto midiático, assim, inclusive, passando a fazer parte da sociabilidade da adolescente.

Por estarem em contato frequente e terem uma forte relação com o produto, todos os pesquisados afirmam que os livros favoritos, na maioria das vezes, coincidem com aqueles, segundo eles, que marcaram algum momento da vida e/ou

os motivaram às próximas leituras. Elisa ao ser questionada afirma que “veio um monte na cabeça”, mas aponta que o livro que mais marcou foi “A culpa é das Estrelas”. Destacamos que através da leitura a entrevistada, inclusive, relata ter feito amizades em função do gosto compartilhado, através de comentários por buscar saber mais sobre o livro, ou seja, o livro desempenhando um papel promotor de socialização. João expõe que entre as principais memórias da sua infância uma delas é a do seu livro favorito, “Harry Potter³¹”. O pesquisado explica que o livro teve grande repercussão mundial e que gerou inúmeros produtos como filme, vestuário, objetos de decoração, entre outros. Aqui, cabe destacar, a forte presença da mídia promovendo esse produto midiático e, também, pautando diversos conteúdos a respeito da literatura, o que revela o quão o discurso midiático contribui para a construção de gostos dos jovens.

Tais constatações revelam o quanto à literatura é de interesse da mídia, pois os livros, desde o seus primórdios, já eram feitos para um grande público consumidor. Atualmente, vemos uma relação da mídia com o livro enquanto produto de consumo rentável, especialmente, pela possibilidade de proporcionar a criação de inúmeros outros produtos. Como exemplo, os filmes baseados na literatura, geralmente, tornam-se sucesso de bilheteria, do mesmo modo que estimulam que os livros ganhem interesse do grande público e alcancem as listas dos mais vendidos. Portanto, a mídia não abrange só o mercado do livro, como o mercado de consumo como um todo ao propor uma série de outras opções de produtos.

João é envolvido na temática do livro desde a participação em eventos na cidade como também na realização de projetos voltados à leitura na escola. Além disso, salientamos que o seu interesse envolve as adaptações da história impressa, bem como tudo o que o mercado oferece de produtos derivados do livro. Como exemplo, João relembra a varinha de “Harry Potter” (“Pra mim me sentir mais perto da história, por que eu gosto muito da história, então eu acho que eu tinha que ter uma relação maior além de ter só o livro lá na estante, eu tinha que ter alguma coisa física que tivesse dentro do livro”). A fala destaca o grande poder da mídia ao promover esses produtos, pautando o consumo dos adolescentes.

Tanara diz ter uma lista de livros favoritos, por ter livros que marcaram e por ter aqueles que ela diz serem “encantadores”, e então cita vários livros que foram

³¹ Série literária da autora britânica J. K. Rowling, composta por sete livros, teve seu primeiro volume lançado em 1997. A série é um fenômeno mundial e vendeu cerca de 600 milhões de exemplares, até dezembro de 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter>. Acesso em: 16 de nov 2014.

lhe apresentando experiências de vida, histórias que se relacionavam com as suas e isso empolga a entrevistada, com histórias referentes à vida e que ela se identifique, aprendendo e tirando lições. Karina é mais sucinta ao recordar de um livro favorito, observando que gosta daqueles baseados em fatos reais, comenta que o seu favorito é o livro de Marcelo Rezende.

Com base em suas afirmações, notamos que Tanara é uma leitora assídua, o que pode ser reflexo não só do interesse pessoal em aprender sempre mais, mas pelo próprio interesse da família, por terem vários livros em casa, pelos seus pais lerem frequentemente livros, isto é, a família influenciando e reforçando a mediação da escola. Diferentemente de Karina, a qual identificamos que prefere leituras mais rápidas e práticas, o que nos leva a compreender também a relação familiar que o livro envolve, pois os pais da jovem preferem a revista ou o jornal, pela falta de tempo e pelo interesse em noticiários.

Em relação aos autores favoritos dos entrevistados, Karina diz não ter autor favorito, por não prestar atenção (“prefiro a história”). Elisa lembra de toda a história do livro do seu autor favorito, mas não consegue lembrar o nome dele. Diz gostar do autor pelo jeito pelo qual ele conduz a história, por ela conseguir gravar cada detalhe. O autor favorito de Tanara é *Nicholas Sparks*, o qual ela comenta durante toda a entrevista e remete a vários de seus livros, inclusive, salienta que quer comprar toda a coleção do autor. Foi o autor de um de seus primeiros livros “Um Amor para Recordar”, por ser um autor que descreve as cenas e por ter muitos detalhes, que fazem ela imaginar os ambientes e as situações, podendo “entrar no livro”. João tem duas autoras favoritas, *J.K. Rowling* e *Suzane Collins*.

Podemos verificar que os livros favoritos são na sua maioria *Best Sellers*, o que, mais uma vez, revela a grande participação da mídia na vida dos adolescentes, nas quais acaba pautando muito do que eles consomem, entre eles o livro. A mídia se mostra presente tanto para a venda do produto quanto por ele em si ser um aliado, uma forma de apoio, através das temáticas abordadas. Por isso, não por acaso, que inúmeras histórias de muitos livros tratam de temas juvenis (amor, relacionamento, sexo, amizade, dúvidas), ou seja, tudo o que eles vivenciam cotidianamente.

Ao comparar o livro com a televisão, Elisa e Karina preferem a segunda mais por lazer, já João prefere a TV só quando está cansado, quando quer mais distração sem muito esforço. E Tanara não assiste muito TV, diz que não gosta muito, que assiste apenas os jornais do Grupo Rede Brasil Sul de Televisão (RBS). O livro

enquanto produto midiático é diferente da Televisão, por ela ser mais massiva e o seu consumo coletivo e genérico. Já o livro, trata-se de uma escolha pessoal feita pelo leitor. E a leitura, na maioria dos casos, é feita quando se está sozinho, de modo silencioso. Isso é reforçado pelos entrevistados ao afirmarem que a televisão é utilizada muito mais para fins de lazer e descanso enquanto o uso do livro se dá de forma mais pessoal.

Todos afirmam que estão sempre conectados à internet, Elisa prefere o livro por não dar tanta atenção só as rede sociais. Karina gosta de ler, mas diz que passa mais tempo na internet: “eu passo mais tempo, na internet, mais no celular, [...] Hoje a tecnologia tá muito voltada pra isso, os professores mesmo tem grupo no *facebook* pra passar a matéria e tal” (Karina). João e Tanara colocam o livro em primeiro lugar, mas isso não significa que não estão conectados, entretanto, relatam que sempre dedicam algumas horas do dia para a leitura, o que indica que quando estão nas redes sociais também estão atentos ao que está sendo postado sobre livros e leitura.

Mesmo com a concorrência das plataformas digitais de consumo de informações e entretenimento, de forma geral, isso tudo não tira o foco do livro. Percebemos que os adolescentes não deixam de fazer uso da versão impressa, bem como não o deixam cair em desuso. Afinal, o livro é parte do cotidiano dos entrevistados tanto pelo processo de compra como pelo empréstimo em biblioteca e de amigos, até as práticas de leitura.

Três dos entrevistados estão lendo algum livro no momento, João está lendo “Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século”, do autor “Italo Mariconi”, Tanara o “Diário de uma Paixão”, de “Nicholas Sparks” e Elisa “Guardião de Memórias” de “Kim Edwards”. Apenas Karina diz não estar lendo nenhum livro no momento, e complementa que suas leituras recentes são mais em revistas e jornais.

Todos os entrevistados citam alguma característica específica sobre o que mais gostam nos livros. Para Karina o que mais conta é vocabulário diferente, com palavras novas. Já Tanara, acredita que a essência do livro é o principal, as lições de vida, bem como aprender alguma coisa com o livro são o que ela mais gosta. Para João, por gostar de ficção, prefere que seja algo “fora da realidade”, sendo um modelo de “escape do mundo real” por não ser algo que ele vê normalmente no seu cotidiano. Para Elisa o que mais chama a atenção é a história em si, especialmente, se é envolvente e prende a sua atenção, para ela, isso é o que faz um livro ser bom.

Tanara e Elisa explicam que não gostam de livros que são difíceis de ler, seja pela história ou pela linguagem. Para elas, isso é algo que lhes incomoda, talvez, seja consequência das próprias características da adolescência, compreendida como a fase de maior instabilidade emocional e rebeldia, assumindo modos de ser e viver específicos, com gostos e desejos instáveis. Tanara complementa que não gosta de livros que não dão detalhes, que não situam a história, ou seja, que deixa o leitor confuso. Karina pode ser vista como uma exceção dentre os entrevistados ao relatar que não tem interesse por histórias que “enrolam”. Sua fala reitera a incorporação midiática na vida dos adolescentes, com leituras mais rápidas e dinâmicas, voltadas mais para televisão, redes sociais, revistas e jornais. João demonstra uma relação mais afetiva com os personagens, ao expor que “às vezes, a gente se apega muito a um personagem e ele acaba, o autor assassina ele”.

Principalmente na adolescência, os livros podem, muitas vezes, ser “companheiros que consolam e às vezes neles encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo” (PETIT, 2008, p. 74). Isso fica claro quando os entrevistados afirmam tirar várias lições das leituras que realizam.

Nem tudo é perfeito [...] Uma lição que eu levo, assim, desde que eu comecei a ler os livros do Nicholas, que [...] ah, como diz aquela música do Lulu: Se deu certo, se não deu certo, ninguém precisa saber [...] sabe? Tipo, se tu [...] ah, não deu certo? Ah, não deu certo, tu se decepçiona menos, eu aprendi a me decepçionar menos. (TANARA)

A fala de Tanara reforça que os livros contribuem para a sua formação, ou seja, a história de um produto midiático colabora na construção da sua sociabilidade, pois, ao mesmo tempo ela recorre à música, outro produto midiático, para ilustrar a sua vida, ou seja, a mídia está presente na vida das pessoas, servindo de suporte para que os sujeitos construam suas identidades.

Portanto, é um processo de interação recíproco, o livro busca na cotidianidade aspectos para construir os seus discursos e, ao mesmo tempo, os entrevistados utilizam isso, que é “redesenhado” pelo livro, para reconhecimento e para posicionar-se, ou seja, dizer quem são. E todos esses aspectos ressaltam que a comunicação e a cultura/sociedade não podem ser pensadas de forma isolada.

Para João, a leitura mostrou lições de amizade e companheirismo, bem como sendo um apoio para nunca desistir e ter esperança, ou seja, que é preciso lutar pelo que queremos. E para Karina, a lição é de que o livro e as leituras que ela realiza agora, no futuro, vão fazer diferença.

A leitura pode proporcionar novos olhares e caminhos para os jovens. Isso é observado nas falas de Tanara quando relaciona à situação da sua família, em questão de estrutura familiar, por serem mais “fechados” na questão da religião, ela observa que foi através do livro e de leituras diversas que conheceu outros caminhos e realidades que fizeram ela mudar sua opinião.

Tô fazendo isso se eu não gosto? Daí eu comecei a pesquisar sobre infinidades [...] comecei a me aprofundar em outros assuntos, lendo muito as coisas na internet e eu disse tá. Levantei, joguei tudo pro alto e disse, tá! Não quero mais [...] Foi mais ou menos isso que aconteceu (TANARA).

A fala de Tanara reforça a ideia de que a leitura proporciona novos olhares e novos caminhos aos adolescentes, pois através de leituras a entrevistada deixou de fazer parte da religião dos pais por não concordar com o que lia e via. Nesse contexto, o livro aparece como revelador de um novo universo de possibilidades e visões de mundo, pelos quais os jovens descobrem novas formas de ser e estar na sociedade, tanto pessoais como profissionais. Dessa forma, a partir do pensamento dos pesquisados, que são inúmeras informações disponíveis que podem influenciar novas alternativas na vida dos adolescentes.

As novas ferramentas de leitura são atraentes por ter portabilidade, grande capacidade de armazenamento e inúmeras outras vantagens ao leitor. Entretanto, os entrevistados tiveram poucas experiências voltadas ao livro digital a partir de *tablet* ou *e-readers*. Elisa é a única que fala sobre o *Tablet* da mãe, mas diz que não utiliza e prefere o impresso. Os quatro entrevistados preferem o livro impresso por experiências que tiveram tanto em leituras pelo celular como no computador. Tanara já teve uma experiência com o livro digital, quando baixou o livro da série “The Walking Dead” e, por mais que achava a história interessante, disse que a experiência no livro digital, não era boa, isso é ilustrado pela sua fala:

Por mais que a história seja interessante, tu fica assim [...] eu pelo menos, fico [...] com aquela coisa assim, nossa que legal tô em tal página. Mas tipo, eu não sei assim. Outra mania, eu conto quantas “coisinha” tem pra eu saber em qual livrinho que eu tô lendo. Agora eu tô na metade do quarto e ele tem oito. É uma mania estranha de contar os livrinhos, assim, e daí eu não vou saber em que livrinho eu tô, sabe? (TANARA).

Quanto ao gosto pelo livro impresso, todos os entrevistados compartilham da ideia - interesse na versão impressa por poderem tocar e sentir o cheiro “eu gosto de sentir cheiro de livro, eu adoro pegar livro e cheirar livro”, (Tanara), “Eu prefiro pegar, folhar e ver quantas páginas. E tudo isso... Marcar página e tudo” (João). Enquanto em outras plataformas não lhes permite tais sentidos. Outro ponto, observado por

João, é que as pessoas podem saber o que ele está lendo quando lê no impresso, pela capa ficar visível, sendo uma oportunidade de encontrar novos amigos ou interessados pela leitura. “As vezes até pra conversar, pra começar a fazer amizade. Eu faço propagando dos livros.” (João).

Sobre os livros nas plataformas digitais, João ressalta a sensação de que parecem maiores do que realmente são. Para ele, a experiência no digital “alonga” a leitura, além de que os livros no celular ou computador contribuem para a perda do foco da leitura. No digital, outro fator que incomoda o pesquisado é quando fica sabendo da história antes dela terminar, por exemplo, pelo comentário de outros leitores, o que no livro impresso é mais raro acontecer, no qual ele é quem descobre a história.

Quando eu lia o online mesmo [...] aí, o pessoal podia colocar comentário no final de cada capítulo e eu achava muito ruim, porque, às vezes, as pessoas davam *spoiler*³². Na internet é uma das piores coisas, agora, eu me lembrei, *spoiler* é uma das piores coisas na internet [...] por isso que eu gosto de pegar o livro (JOÃO).

Por mais que existam as vantagens dos livros digitais e das ferramentas de leitura, os jovens preferem o impresso por acreditarem que algumas dessas ferramentas atrapalham a leitura, por exemplo, os comentários feitos anteriormente a algo que vai acontecer, o que pode comprometer o interesse ou gerar desmotivação para leitura. Elisa aponta ainda, a partir de uma experiência pessoal, que quando realizou a leitura de um livro no computador, em virtude da distância da tela, isso a incomodou, pois cansava os seus olhos.

Percebemos que o digital ainda é recebido com receio entre os leitores da amostra, indicando que o livro impresso está longe do fim, sendo reforçado por todo interesse dos entrevistados de ir à livrarias, bibliotecas, carregar o livro, preferindo além da leitura o contato com o livro e o seu manuseio.

O livro, além de informar e proporcionar inúmeras experiências positivas, também oportuniza “novas formas de sociabilidade” (PETIT, 2008, p.97), pois através da leitura das obras é possível que os sujeitos compartilhem aprendizados, ideias e opiniões, portanto, constituam as suas próprias identidades. Isso pode ser identificado quando os entrevistados assumem conversar com colegas, amigos e familiares sobre o que estão lendo, justamente como uma forma de socialização.

³² O termo se refere aos comentários que revelam fatos importantes da história e acabam prejudicando a apreciação do livro.

João comenta que esse ano consegue conversar mais com os colegas e que costumam realizar “*quiz*” com perguntas e respostas sobre livros, com o objetivo de trocar experiências sobre o mundo da literatura. Elisa afirma que conversa muito sobre livros com os colegas e que há empréstimo e indicação de leituras entre jovens, o que denota o livro como um grande mediador nas relações sociais. Tanara acrescenta que não comenta muito com os amigos sobre o que ela lê, pois reconhece que os seus interesses de leitura são distintos em relação aos colegas, mas, ainda assim, indicam livros uns aos outros.

Por estarem no ambiente escolar e estarem em uma fase que buscam autoafirmação entre os colegas e amigos, os adolescentes muitas vezes deixam de realizar alguma atividade por saberem o que pensam ou não os seus colegas. Por exemplo, Tanara diz que não vê colegas lendo no recreio e já deixa claro que é por todos os outros colegas apontarem como sendo um “*nerd*”, já que o recreio é um momento de distração os alunos.

Por fim, compreendemos o quanto o livro e a leitura carregam e produzem significados entre os adolescentes, questão reiterada pela fala de Tanara, quando relata a denominação que os colegas tem para quem lê no recreio. Assim, podemos entender o *status* produzido pelo livro, sendo uma forma de evidenciar o capital cultural desses jovens, o que pode gerar desconforto, por exemplo, no ambiente escolar, quando nem todos compartilham desse hábito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações da pesquisa e do campo, podemos compreender a importância do livro como produto midiático. Presente na vida dos adolescentes e interferindo na construção de suas identidades, podemos entender de que maneira esse produto é apropriado pelos jovens.

O livro como um produto midiático é um suporte carregado de significados e emoções. Em todas as fases de nossa pesquisa, detectamos que os pesquisados mostram-se envolvidos cotidianamente com o livro, seja nas práticas de leituras individuais ou nas atividades escolares. Portanto, é um objeto ligado ao processo educacional dos jovens, além disso tem presença garantida entre os interesses pessoais, sendo um meio para o crescimento, diversão e entretenimento dos jovens.

Mesmo com toda a importância do livro para a construção das identidades dos adolescentes, visto que percebemos uma verdadeira apropriação do discurso por ele produzido, ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a estudar a recepção e o consumo desse produto midiático por esse público. Com base nisso, nosso trabalho busca lançar discussões acerca dessa relação, pois, de modo geral, também estamos falando da inserção e participação de um produto midiático no cotidiano e na vida dos jovens. Além disso, queremos que nossa pesquisa sirva de estímulo para que outros pesquisadores abordem a temática para que possamos avançar nas discussões da área, ainda tão carente de referências e observações empíricas. Buscamos compreender como os adolescentes se apropriam e de que forma as mediações família e escola contribuem na relação de adolescentes com o consumo do livro e da leitura. A intenção foi resgatar e identificar o papel do livro na sociedade contemporânea, entendendo a relação estabelecida no ambiente familiar e escolar no processo de formação dos sujeitos.

Dessa forma, detectamos, tanto no estudo exploratório como nas entrevistas em profundidade, a importância das mediações na compreensão do consumo, sobretudo, ao propormos uma análise que partiu de todo um percurso teórico e metodológico evidenciado pelo campo empírico. É através da mediação escola, perpassada pela mediação da família, que compreendemos a relação dos adolescentes com o acesso ao livro e, conseqüentemente, o uso e as apropriações do consumo. Portanto, uma etapa justifica a outra, e fundamentam a presença ou não do livro e da leitura no cotidiano dos adolescentes.

Percebemos que as informações coletadas junto aos entrevistados vão ao encontro da perspectiva de Canclini (2010), norteadora durante o processo de investigação, que diz respeito ao “sistema de integração e comunicação”. Com o estudo, compreendemos que o consumo está relacionado a trocas de sentidos, através de experiências compartilhadas pelo livro, que podem ser percebidas no cotidiano dos adolescentes, desde as rotinas de leitura no ambiente familiar até as conversas informais relacionadas ao livro e a leituras na escola. Assim, a posse do produto midiático é fundamental para a confirmação de significados e valores comuns (CANCLINI, 1992), pois serve como elemento pertencimento e integração dos sujeitos a determinadas práticas. Nesse caso, podemos nos referir tanto a posse material, com aqueles jovens que além de se apropriarem do conteúdo também adquirem o produto, como aqueles que se apropriam a partir de outras formas de uso (empréstimo, presentes, entre outras).

Destacamos também a classe social como importante mediação presente no desenvolvimento da pesquisa. Embora nosso interesse estivesse centrado nas relações com a família e a escola, não há como negligenciar a aparição empírica da condição econômica dos adolescentes como fator importante para a compreensão do consumo, enfim do uso e apropriação do livro no cotidiano dos entrevistados. Porém, mais interessante ainda é o fato de que os entrevistados, mesmo com condições econômicas limitadas, recorrem a outras maneiras para ter acesso ao livro. Portanto, fica evidente o quanto o livro representa na vida dos adolescentes, importância que vem sendo reforçada pela mediação familiar e da escola, não raras vezes, mostrando-se como uma forma de capital cultural³³ e educacional.

As categorias (escola, família, acesso e consumo) proporcionaram a compreensão dessa relação, portanto, foram fundamentais para detectarmos empiricamente o uso e apropriação dos livros por adolescentes e a importância da escola e da família mediando esse processo de formação de gosto e interesse pelo livro e a leitura.

A escola, como agente de formação dos sujeitos, tem papel fundamental na motivação e incentivo à leitura, assim, muitas vezes, sendo responsável pela consolidação de práticas de leituras ainda mais duradouras. Vimos que os entrevistados demonstram o interesse pela utilização dos espaços da escola para

³³ Segundo Bourdieu (2008), o capital cultural é resultado das experiências e valores simbólicos incorporados pelo sujeito ao longo do processo de socialização. Ele está relacionado com o acesso ao conhecimento e a cultura, portanto, podendo a classe social ser decisiva na aquisição do capital cultural e, assim, um fator de distinção entre os sujeitos.

atividades que incentivem o compartilhamento de experiências de leitura, que proporcionem momentos de discussões e debates entre os alunos, para que conheçam novos leitores e para que isso contribua na formação pessoal e educacional. Isso é reiterado quando afirmam que mesmo com as poucas experiências que tiveram de atividades voltadas aos livros e a leituras, foram suficientes para marcarem e reforçarem o gosto pelo livro.

Diante disso, notamos que as ações da Escola sejam voltadas à união de esforços, construindo um ambiente estimulante em conjunto, para assim gerar mudanças efetivas, fazendo com que o gosto pela leitura ultrapasse os muros da escola.

Nesse sentido, concluímos que a mediação escola ainda tem muito mais potencial para contribuir com o processo de construção das identidades dos adolescentes no que diz respeito ao livro. Parece-nos um aspecto relevante diante da situação atual dos jovens no Brasil, que imersos em um mundo de novas tecnologias e de relações via redes sociais digitais, encontram na escola, enquanto instituição educacional, um lugar possível para promover ainda mais atividades que fomentem a leitura, gere aproximação com os livros e sirva de ambiente de socialização para os jovens.

Mesmo assim ressaltamos que o fomento a leitura não depende somente da escola e dos professores, mas também de uma maior atenção do Governo em questões estruturais e de formação desses mediadores, para que estejam preparados com didáticas que instiguem a participação do aluno e proporcione novas experiências.

No que se refere à mediação da família, observamos que ela ganhou grandes proporções ao longo da pesquisa, o que demonstra sua participação decisiva no que diz respeito ao gosto pelo livro e pela leitura. Podemos identificar que o estímulo dos pais é essencial para que os filhos adquiram o gosto e o interesse pela leitura, sendo que isso deve ser pensado como algo que faça parte da rotina dos pais, pois os vemos ainda como uma das principais referências para a formação dos adolescentes. O hábito da leitura e o gosto pelos livros da família se reflete na formação da sociabilidade dos jovens, pois os pais são responsáveis, em primeira instância, por legitimar essas práticas visto que a família é primeiro espaço socializador dos sujeitos. Isso foi enfatizado pelos entrevistados que afirmam ter o incentivo dos pais desde cedo, através da “contação” de histórias, bem como pela oportunidade de compra de livros e a ida às livrarias.

A relação dos pais com a leitura fica evidente quando constatamos que esse hábito pode influenciar no gosto e na prática da leitura cotidiana dos jovens, ou seja, aqueles que mencionam ver seus pais lendo mais revistas e jornais, por falta de tempo e por preferirem leituras rápidas, parece-nos que acabam tendo menor envolvimento com essa prática. Isso revela a importância da mediação da família na formação de leitores e no incentivo à compra e à frequência em bibliotecas e livrarias.

De modo geral, as falas demonstram a inserção do livro no cotidiano dos adolescentes, como um objeto que acompanha as suas rotinas cotidianas. Entretanto, observamos que Karina se apresenta como uma exceção por ter relação com leituras rápidas, provavelmente, de cunho mais de entretenimento, pois afirma que não recorda de muitos livros. Por outro lado, João, Tanara e Elisa evidenciam uma afinidade muito maior como livro e a leitura. Essa percepção pode se confirmar quando identificamos a relação dos pais com o livro e a leitura, sendo importante mediação, inicialmente na construção desse hábito e, conseqüentemente, na formação deles como leitores.

Em relação ao acesso, por mais que os entrevistados frequentem as livrarias físicas e comprem livros nesses locais, a internet ganha cada vez mais espaço nas práticas de consumo e no acesso ao livro, devido à facilidade de procura e aos preços, na vida dos adolescentes.

O posicionamento dos entrevistados também remete ao interesse da mídia pelo livro, como um produto midiático que não proporciona apenas o consumo do objeto em si, mas de uma gama de derivados, como o filme, vestuário, artigos de decoração, entre outros, que, inclusive, potencializam a venda e o sucesso mundial de determinados livros. Isso se confirma ao observarmos que os livros favoritos dos entrevistados, na sua grande maioria, são *Best Sellers*, o que reitera a grande presença da mídia na vida dos adolescentes, pautando o consumo.

Diferente dos filmes e da televisão, o livro requer tempo, paciência e interesse. Por reconhecermos os adolescentes como ativos, dinâmicos e sempre em busca de algo novo e envolvente, identificamos, que mesmo assim, os entrevistados dedicam muitas horas à leitura e demonstram uma forte relação com esse produto midiático. Conforme Petit (2008), o livro muitas vezes pode ser um companheiro, especialmente nessa fase da vida, na qual estão construindo suas identidades, descobrindo novos caminhos, assim, o livro é uma peça chave para que eles encontrem novas histórias e se apropriem dela e do conteúdo em geral.

Notamos que mesmo com tantas tecnologias e ferramentas de leitura, o digital ainda é recebido com receio para os leitores assíduos, indicando assim que o livro impresso está longe do fim, o que pode ser visivelmente percebido através da opinião dos entrevistados. Ir aos espaços físicos das livrarias e bibliotecas, bem como carregar e manusear o livro impresso são práticas comuns do dia a dia dos adolescentes, reforçando a importância da materialidade do objeto, do apreço e a preocupação com o produto.

Por fim, consideramos o livro um produto midiático decisivo na construção social dos adolescentes e reconhecemos a importância das mediações no estímulo ao comportamento leitor. Mesmo assim observamos a necessidade da Escola instigar de maneira efetiva o contato com o livro e a leitura, sendo o Governo um dos agentes determinantes nesse processo de transformação e responsáveis por essas mudanças. Dessa forma, salientamos que a pesquisa não encerra a questão e, dessa maneira, fica aberta para trabalhos futuros que contemplem o consumo de livros por adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: Freitas, Maria Virgínia (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6, p.25-36, 1997.

ABREU, Marcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA. Aníbal. ABREU, Márcia (orgs). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo. Editora Unesp. 2010.

AMORIM, Galeno. O rumo está certo. Agora, é acelerar! In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3.**– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

APPADURAI, Arjun. **La vida social de las cosas**. Perspectiva cultural de las mercancías. México: Grijalbo, 1991.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. 372. P

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; POA: Zouk, 2008.

BRAGANÇA, Aníbal. Um espaço multidisciplinar para os estudos do livro e da leitura no Brasil (1994-2009): uma aproximação quantitativa. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul. RS. De 2 a 6 de setembro de 2010

BRASIL. Censo nacional das bibliotecas públicas municipais. IBGE, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANCLINI, Néstor García. Los Estudios sobre Comunicación y Consumo: El trabajo interdisciplinario en tiempos neoconservadores. **Dialogos de la Comunicación** n.32. Lima: FELAFACS, 1992.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

EARP, Fabio Sá. KORNIS, George. Em queda livre? A economia do livro no Brasil (1995-2006). In: BRAGANÇA. Aníbal. ABREU, Márcia (orgs). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo. Editora Unesp. 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais: as margens de um programa de pesquisa. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Agosto de 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf>. Acesso em: 08 out. 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**: Porto Alegre. nº 9, dezembro 1998. disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/77/77>> acesso em: 08 out. 2014.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

FAR, Alessandra El. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA. Aníbal. ABREU, Márcia (orgs). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo. Editora Unesp. 2010.

FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.

FERREIRA, Teresa Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234.

FREITAS, Lúcia Helena. HAGEL, Lilian Day. EIZIRIK, Cláudio Laks. BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. (Orgs). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2013.

GOMES, Isis Valeria. O acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2011.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 07 - 55.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARRY POTTER. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Harry_Potter&oldid=40627716>. Acessado em: 16 nov. 2014.

HERSCHMANN, Micael (org). **Abalando os anos 90**: funk e hip-hop. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOYOS, Bernardo Jaramillo; SALINAS, Lenin Monak. Comportamento do leitor e hábitos de leitura: comparativo de resultados em alguns países da América Latina. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos de recepção. **Revista Famecos**. Porto Alegre. n. 5. nov.1996. Texto apresentado no GT Comunicação e Recepção. XVII INTERCOM, Piracicaba, 1994.

JACKS, *Nilda. et AL. Jovem e consumo midiático*: dados preliminares do estudo piloto e da pesquisa exploratória. In: XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

LAJOLO, Marisa. Livros, leitura e literatura em oito anotações. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

LEVY, Ruggero. O adolescente. In: EIZIRIK, Cláudio Laks. BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. (Orgs). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2013.

MACHADO, Ana Maria. Sangue nas veias. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3.**– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita:** história do livro, da imprensa e da biblioteca. Editora Àtica. V.49 coord. Sônia Scoss Nicolari. 2002.

MELUCCI , Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação.** Mai/ Jun/ Jul/ Ago; p. 5-15. n.5. 1997.

NETO, José Castilho Marques. Retratos do comportamento leitor pelo Brasil – o impacto de ações de fomento a leitura. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3.**– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

OLIVEIRA, Adriano Machado. **Jovens e adolescentes no Ensino Médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** Editora brasiliense. São Paulo. 1994.

OUTEIRAL. Jose, MOURA. Luiza, SANTOS. Stela Marys Vieira. (orgs). **Adultecer:** A dor e o prazer de tornar-se adulto. Livraria e editora Revinter Ltda. 2008.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação.** Mai/ Jun/ Jul/ Ago; p.15-24. n.5. 1997.

PETIT, Michèle Petit. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Ed.34, 2008. 192 p.

PINHEIRO, Francisco de Moura. Palavras Sobre a Solidão no Fundo do Espelho In: **Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação.** Região Norte. de 01 a 03 de maio de 2013.

PREDIGER, Solange. **Mídia e representação social juvenil:** recepção do programa malhação Dissertação (Mestrado em comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

PRIEST, Susanna Hornig. **Pesquisa de mídia: introdução**. 2. Ed.- Porto Alegre: Penso, 2011.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

REIMÃO, Sandra. Os Best-Sellers de Ficção no Brasil – 1990/2000. **Matrizes**. Ano 5 – nº 1 jul./dez. 2011 - São Paulo. p. 194-210.

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Rose de Melo; BORELLI, Sílvia Helena Simões; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Jovens urbanos: trajetórias partilhadas de pesquisa (2002/2008)**. Ponto-e-Vírgula, 4: 231 - 253, 2008.

ROCHA, Rose de Melo; TANGERINO, Denise de Paiva Costa. Culturas Urbanas, Cena Midiática e Políticas de Visibilidade: Comunicação e Consumo em um Coletivo Juvenil Brasileiro. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

RONSINI, Veneza M. A **Crença no Mérito e a Desigualdade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: 19º Encontro Anual da COMPÓS, 2010, Rio de Janeiro. **Anais** do 19º Encontro Anual da COMPÓS. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 1 – 15.

_____. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSING, Tania. Esse Brasil que não lê. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2011.

SANTOS, Filipe Bordinhão dos. **Masculinidade em anúncio(s): recepção publicitária e identidade de gênero**. Dissertação (mestrado em comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

SEGALLA, Juliana Facco. **E-books: o livro na era digital e o consumidor santamariense**. Santa Maria: UFSM, 2014.

SIFUENTES, Lirian. Incursões pelos Estudos de Recepção: retomadas históricas, desafios e perspectivas. **Animus** – V.13.n.25. 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A escola e a formação de leitores. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012. 344p.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estudos sobre a juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/ Jun/ Jul/ Ago; p. 37- 52. n.5. 1997.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **26ª Reunião Anual do ANPEd, realizada em Poços de Caldas**. MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: p.51-61, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo Etnografia no mundo da comunicação. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: p.98-109, 2009.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro como produto midiático e os estudos de recepção**. Contratempo, Rio de Janeiro, n. 26, p.87-105, 2013.

UNICEF. O Relatório da Situação da Adolescência Brasileira. 2002.

UNICEF. O Relatório da Situação da Adolescência Brasileira. 2011.

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário

Questionário

1. Nome: _____ Idade: _____
2. E-mail: _____ Celular: _____
3. Sexo: ()Feminino ()Masculino
4. Série: () 1 ano Ensino Médio () 2 ano Ensino Médio () 3 ano Ensino Médio
5. Turma:
1. Endereço completo: _____ Bairro: _____
2. Número de pessoas que residem na casa: _____ Religião: _____
3. Responsável pelo sustento da família: _____
4. Profissão da Mãe: _____ Local de Trabalho: _____
- Escolaridade: Fundamental: ()completo ()incompleto
 Médio: ()completo ()incompleto
 Universitário: ()completo ()incompleto
 Qual curso _____
5. Profissão do pai: _____ Local de trabalho: _____
- Escolaridade: Fundamental: ()completo ()incompleto
 Médio: ()completo ()incompleto
 Universitário: ()completo ()incompleto
 Qual curso _____

Leitura

6. Frequência de leitura
- () Todo dia
- () Uma vez por semana
- () Várias vezes na semana
- () Só no fim de semana
- () Uma vez por mês
- () Uma vez por ano
7. Fontes de leitura
- () Livro

- Sites na internet
- Revistas
- Jornais
- Blogs
- Redes Sociais

8. Quantos livros extraescolares você lê por ano?

9. Você lembra de algum Título ou autores?

10. Como você costuma ter acesso aos livros que você lê?

- Livraria
- feira do livro
- Biblioteca da Escola
- Biblioteca pública
- Sebo
- outros _____

11. Você é motivado a ler por quem?

- escola
- família
- mídia
- amigos
- professor
- outros _____

12. Você já viu seus pais lendo? SIM NÃO

13. Se sim, que tipos de leitura (jornal, revista, livro...)

14. Quantos livros você tem em casa?

- 1
- 2
- 3
- mais de 4
- não tenho livros em casa

15. Você frequenta biblioteca?

- Da escola
- Da cidade
- Não frequento

16. Já leu livro digital? SIM NÃO

17. Onde você costuma ler o livro digital?

- computador
- celular
- Tablet
- e-reader

18. Acessa redes sociais ou blogs que falem sobre livros ou literatura? Se sim, cite quais.

Você estaria disponível para uma entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões? Sim () Não ()

Apêndice B – Roteiro da entrevista

Entrevista

Família

1. Como é o perfil dos teus pais? (liberais, controladores, etc)
2. Na tua casa, que tipo de regras costumam ter? E como é a sua relação com elas regras?
3. Você tem liberdade para falar com os seus pais sobre diferentes assuntos?
4. Sobre o que mais você conversa com sua mãe? E Com o seu pai? E os irmãos?
5. Você já teve ou costuma ter algum tipo de conflito com os seus pais? Que tipo?
6. Você tem liberdade para sair sozinha com o teus amigos? (viajar, comprar, etc)
7. A sua família costuma fazer atividades juntos? Que tipo? Qual a periodicidade?
8. Você recebe mesada? Caso receba, no que costuma gastar?
9. Como é a exigência em relação a educação/estudo por parte dos seus pais?
10. Na tua opinião, qual a importância do estudo/educação para uma pessoa? E da leitura?
11. Você gosta de estudar? Onde você costuma estudar?
12. Depois que terminar o Ensino Médio, pretende seguir estudando? Qual o curso pretende fazer?
13. Qual a formação dos seus pais? E dos irmãos? E dos avós?
14. Na tua casa, vocês tem o hábito de ler? E você?
15. Vocês assinam algum jornal, revista ou comprar livros com periodicidade?
16. Na sua casa, onde ficam os livros que vocês possuem?
17. Quando você era criança os seus pais davam livros ou faziam leituras com você? Lembra de alguma situação?
18. E, hoje em dia, eles incentivam que você leia?

19. Você gosta de ganhar livros de presente? E dos seus pais, já ganhou algum livro de presente? Quais?
20. Seus pais já te indicaram algum livro? Quais e porque?
21. Você costuma conversar sobre notícias com os seus pais? E sobre literatura, livros?
22. Você já viu seus pais lendo? O que eles gostam de ler?
23. Como você tem acesso ao livro? Compra? Empréstimo de amigos/ parentes? Biblioteca? Você costuma ir a livraria sozinho? E com os seus pais? Com amigos?
24. Você costuma ir em alguma livraria? Onde você adquire os seus livros?
25. Vocês frequentam a feira do livro de Santa Maria?

Escola

26. Como avalia o desempenho dos Professores? (autoridade e falta de autoridade; competência)
27. Como avalia o seu desempenho? (estuda para as provas, estudante dedicado)
28. Você gosta de estudar na escola?
29. Quais as matérias você mais gosta? Por quê?
30. Quais as matérias você tem mais dificuldade? Por quê?
31. Como você avalia a qualidade da sua escola?
32. Você vai prestar as provas do ENEM? E do vestibular?
33. Quais são os livros que caem nas provas?
34. Seus professores te incentivam a ler? De que maneira?
35. Existe algum projeto de leitura na escola? Você participa de algum?
36. Como é a relação da escola com o livro?
37. Você frequenta a biblioteca?
38. O que você acha da biblioteca?
39. É fácil retirar livros na biblioteca?
40. Algum professor já te indicou algum livro?

41. Você costuma ler os livros indicados pelas matérias da escola?
42. Cite alguns livros que você teve que ler para fazer trabalhos da escola? Qual o que mais gostou? Por quê?
43. Você tem preferências por atividades coletivas ou individuais?
44. Qual a sua atividade de lazer favorita? Por quê?
45. Quais as atividades feitas no tempo livre?

Livro

46. Qual o número de horas dedicadas ao livro?
- () menos de 1h () entre 1h e 2h () entre 2h e 3h () entre 3h e 4h () mais de 4h
47. Onde você costuma ler?
48. Qual o seu livro favorito? Por quê?
49. Qual o seu autor favorito? Por quê?
50. Comparando as redes sociais com o livro, qual o que mais lhe agrada? Por quê?
51. Comparando a televisão com o livro, qual o que mais lhe agrada? Por quê?
52. Frequência com que lê livros?
- () diariamente
() de 2 a 3 vezes por semana
() 1 vez por semana
() fim-de-semana
() quinzenalmente
() mensalmente (1 x por mês)
() anualmente
53. Quantos livros extraescolares você lê por ano?
54. Cite livros que você leu nos últimos três meses.
55. Cite um livro que você está lendo no momento
56. O que você mais gosta nos livros?
57. O que você menos gosta?
58. Já tirou alguma lição de algum livro que leu?

59. Você prefere o livro impresso ou digital? Por quê?
60. O que muda para você na experiência da leitura do impresso para o digital?
61. Você acha que Santa Maria incentiva o consumo de livros? Por quê?
62. Você vê seus colegas lendo?
63. Vocês comentam sobre algum livro?
64. Você acessa sites sobre livro? Quais? E por quê?

65. Você tem o hábito de ir ao cinema?

66. Qual o seu filme favorito?

67. Você já assistiu filme de algum livro que você já leu?

68. O que você prefere? o Livro ou o filme da história?

Consumo

69. Você acha que a condição econômica de uma pessoa pode contribuir para:
- Ter acesso aos livros (de que modo)
 - Ter acesso a revistas, jornais (de que modo)
 - Ter acesso a internet, TV a cabo, cinema (de que modo)
 - Ter uma boa formação escolar (de que modo)
70. Quem compra os seus livros?
71. Você compra livros?
72. Um objeto que adora ter?
73. Qual seu sonho de consumo
74. O que você mais gostaria de comprar hoje?

Apêndice C- Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

A Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa, através da direção, representada por _____, autoriza **Marina Machiavelli**, aluna do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, matrícula 201130347, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a realizar nas dependências dessa Escola a pesquisa “**Consumo de livros por adolescentes do Ensino Médio**”, sob a orientação do Professor Filipe Bordinhão.

O estudo, acima apresentado, faz parte do trabalho final de curso da estudante e possui o objetivo de analisar o consumo do livro entre adolescentes de origens socioeconômicas distintas em escolas públicas de Santa Maria. Para isso, busca: - pesquisar teoricamente a relação entre consumo e o livro; compreender a relação do ambiente escolar e dos alunos com o livro; e, - entender a relação dos adolescentes com o livro em um contexto onde a internet e as novas tecnologias propiciam inúmeras formas de usos e apropriações.

Com esse termo, a aluna compromete-se em utilizar as informações coletadas apenas para fins acadêmicos, portanto, mantendo o sigilo dos dados e a preservação da identidade dos informantes, sem que haja nenhum prejuízo ou dano à imagem dos participantes. Para isso, todos os dados utilizados serão divulgados sem identificação do nome dos alunos, bem como os envolvidos receberão os esclarecimentos necessários no momento da aplicação da pesquisa.

Por fim, declaro que recebi uma cópia deste termo, no qual constam os dados pessoais (telefone e o endereço) e a assinatura da estudante, o que me permite tirar todas as dúvidas sobre a pesquisa e a sua participação, a qualquer momento.

Endereço:

Avenida Rio Branco, nº 573, apto. 303.

Bairro Centro – CEP: 97010423, Santa Maria / RS.

Telefone: (55) 99327700

Marina Machiavelli (marinamachiavelli7@hotmail.com)
Aluna do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial da UFSM

Sem mais, reitero que entendi os objetivos, os riscos e os benefícios da participação da Escola na pesquisa e concordo com a sua realização.

Santa Maria, 26 de agosto de 2014.

Assinatura (de acordo) da direção da escola participante do estudo

Apêndice D- Autorização dos responsáveis**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, _____
_____, concordo e **autorizo** que meu filho(a)
_____ participe da pesquisa “**Consumo de livros por adolescentes do Ensino Médio**”, através de um questionário, que será realizada na E. E. E. M Cilon Rosa. O estudo faz parte do trabalho final de curso da acadêmica Marina Machiavelli, aluna do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, matrícula 201130347, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob a orientação do Professor Filipe Bordinhão.

O objetivo da pesquisa é o de analisar o consumo do livro entre adolescentes de em escolas públicas de Santa Maria. Para isso, busca: - pesquisar teoricamente a relação entre consumo e o livro; compreender a relação do ambiente escolar e dos alunos com o livro; e, - entender a relação dos adolescentes com o livro em um contexto onde a internet e as novas tecnologias propiciam inúmeras formas de usos e apropriações.

Declaro, ainda, estar ciente da utilização das respostas do meu filho(a), exclusivamente, para fins de análises acadêmicas da pesquisa.

Assinatura Pai/ Mãe ou Responsável

Santa Maria, _____ de _____ de 2014.